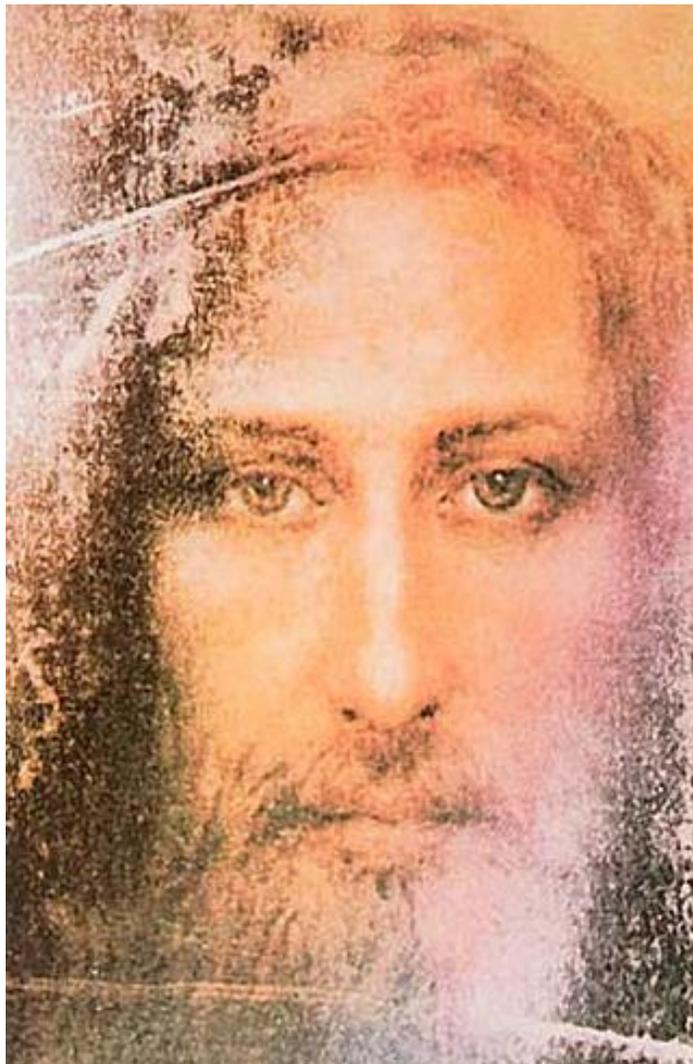


O Cristo e o Espiritismo

Edição 3

Dany Beauchamp



« Não basta falar de luz; é preciso consentir em sair da noite. »

Licença do Institut Général des Forces Psychosiques

Copyright (C) 2023 Institut Général des Forces Psychosiques - Julho de 2023

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Considerando o objetivo fundamental do Institut Général des Forces Psychosiques de colocar gratuitamente à disposição de toda a humanidade os elementos básicos do Espiritismo, os documentos disponibilizados no site <http://www.spiritualiste.fr> podem ser copiados, difundidos e utilizados nas seguintes condições:

1. Toda cópia para fins privados, de pesquisa, de ilustração ou de ensino é autorizada.
2. Toda difusão ou inclusão da totalidade ou de parte deste documento em outra obra ou compilação deve ser objeto de autorização escrita do Institut Général des Forces Psychosiques e deve:
 - Ou incluir a presente licença, aplicável ao conjunto da compilação ou da obra derivada.
 - Ou, no caso de trechos ou citações limitados a menos de 1000 caracteres, mencionar explicitamente a origem da parte extraída como sendo o Institut Général des Forces Psychosiques e indicar o endereço de Internet <http://www.spiritualiste.fr>, para permitir aos interessados reencontrar facilmente e gratuitamente a integralidade do documento.
3. Esta licença que acompanha cada arquivo deve ser integralmente conservada nas cópias.
4. A menção do produtor original deve ser preservada, assim como a dos colaboradores posteriores.
5. Toda modificação posterior, por correção de erros, formatação em outro formato ou por qualquer outro motivo, deve ser indicada. A indicação das diversas contribuições deverá ser tão precisa quanto possível, datada e enviada ao Institut Général des Forces Psychosiques em info@spiritualiste.fr.
6. Este copyright aplica-se obrigatoriamente a toda melhoria efetuada por simples correção de erros ou de pequenos esquecimentos (ortografia, frase ausente, etc.), isto é, que não corresponda ao acréscimo de outra variante conhecida do texto, a qual deverá, portanto, incluir a presente nota.



Apresentação do autor e dos institutos

A presente obra inscreve-se no prolongamento de um trabalho espiritual, moral e fraterno sustentado por dois lugares de acolhimento e de estudo do Norte da França: o Institut Général des Forces Psychosiques (IGFP) e o Institut Spirituel Psychosique (ISP). O site www.spiritualiste.fr apresenta esses dois institutos como associações culturais e centros espirituais abertos às pessoas em busca de sentido, de apaziguamento, de auxílio espiritual ou de aprofundamento interior. Sua caminhada apoia-se na seriedade, na simplicidade, no respeito por cada pessoa, no estudo, no discernimento e no esforço de transformação pessoal.

O Institut Spirituel Psychosique, estabelecido em Calonne-Ricouart, inscreve-se na continuidade da obra de André Fardel, que ali fundou em 1986 um lugar de trabalho espiritual e uma escola de médiuns. O Institut Général des Forces Psychosiques, hoje presente em Lens, participa, por sua vez, da preservação e da irradiação de uma herança espiritualista antiga no Norte da França. Por meio de suas reuniões de estudo, de seus cuidados espirituais, de suas conferências, de suas publicações e de seus tempos de encontro, esses dois institutos procuram oferecer um quadro de busca sincera, de progresso interior e de fraternidade vivida.

Dany Beauchamp cresceu nessa atmosfera de busca espiritual. Discípulo de André Fardel, ele participa desde a juventude dos trabalhos do Institut Spirituel Psychosique. Seu percurso de vida também o conduziu a estudos de engenharia em Lille, depois a responsabilidades profissionais na indústria, na França e no exterior, mantendo ao mesmo tempo uma fidelidade constante ao estudo das questões espirituais e morais. Dany divide-se entre o trabalho, a pesquisa, a viagem, o engajamento e o desejo de aliviar, tanto quanto lhe é possível, os sofrimentos humanos.

Hoje presidente do IGFP e vice-presidente do ISP, ele não se apresenta como mestre nem como detentor de uma verdade acabada. Coloca-se mais simplesmente como um pesquisador, uma testemunha, um servidor entre outros de uma obra coletiva. Seu desejo é contribuir, com seus limites e sua sinceridade, para manter vivo um legado espiritual recebido de seus predecessores, transmitir referências úteis àqueles que buscam e conservar viva uma palavra de consciência, de responsabilidade e de fraternidade. Essa atitude se harmoniza, aliás, com o próprio espírito que as páginas do site dão às atividades do Instituto: avançar com método, prudência e respeito, e fazer do estudo um apoio concreto para viver melhor, compreender melhor e amar melhor.

Este livro ocupa, portanto, seu lugar numa história mais ampla do que a de um único autor. Ele nasce de um companheirismo, de uma transmissão, de um trabalho interior prosseguido ao longo do tempo. Deseja oferecer ao leitor não uma palavra de autoridade, mas uma reflexão nutrida pela experiência, pelo estudo e pela fidelidade a uma certa ideia do espiritismo: um espiritismo voltado para o Cristo, para a lei moral, para a responsabilidade pessoal e para a caridade viva.

Nota preliminar

A presente obra apresenta-se como um caminho de reflexão, de recolhimento e de luz em torno do Cristo e do espiritismo. Ela se empenha em destacar seu eixo essencial: mostrar que o espiritismo, quando se eleva à sua vocação mais pura, conduz a alma ao Cristo, à lei moral, à responsabilidade pessoal e à caridade viva.

Estas páginas foram concebidas no desejo de unir a clareza do pensamento, a profundidade espiritual e o movimento interior do coração. O leitor encontrará nelas um convite a compreender, a meditar e a deixar crescer em si uma consciência mais esclarecida de seu destino.

As referências bibliográficas foram integradas com cuidado a fim de oferecer referências seguras e fecundas. Sempre que um capítulo, uma seção ou uma rubrica pôde ser identificada com precisão nas obras e documentos consultados, essa indicação foi mantida para sustentar a reflexão e permitir ao leitor voltar às fontes.

O livro compõe-se de seis capítulos principais. Prolonga-se por uma tabela de correspondência bibliográfica por capítulo, por cinco anexos redigidos em um espírito de aprofundamento e de meditação, e por uma bibliografia geral que distingue as obras centrais, as obras de apoio e as leituras que abrem o pensamento a perspectivas mais amplas.

Que este trabalho possa ajudar cada um a ouvir melhor o apelo interior do Cristo, a compreender melhor o alcance espiritual do espiritismo e a avançar com mais luz, consciência e fraternidade pelo caminho do progresso da alma.

Table des matières

Introdução: Voltar ao Cristo.....	9
Capítulo I: O lugar do Cristo no espiritismo.....	14
Referências bibliográficas do capítulo I.....	17
Capítulo II: A natureza do Cristo.....	20
Referências bibliográficas do capítulo II.....	22
Capítulo III: O Cristo em O Evangelho segundo o Espiritismo.....	24
Referências bibliográficas do capítulo III.....	26
Capítulo IV: O espiritismo é uma religião?.....	29
Referências bibliográficas do capítulo IV.....	31
Capítulo V: O espiritismo e as outras religiões: convergências, luz comum e fraternidade das almas.....	34
Referências bibliográficas do capítulo V.....	38
Capítulo VI: Sócrates, Buda, Jesus — três mestres de vida, três apelos à transformação interior...41	
Referências bibliográficas do capítulo VI.....	44
Capítulo VII: O livro do Cristo: “Luzes na noite dos tempos”.....	47
Referências bibliográficas do capítulo VII.....	49
Conclusão geral.....	52
Referências bibliográficas da conclusão.....	54
Tabela de correspondência: referências bibliográficas por capítulo.....	56
Anexo 1 - O Cristo, eixo moral da revelação espírita.....	58
Anexo 2 - O Cristo em O Evangelho segundo o Espiritismo.....	63
Anexo 3 - A natureza do Cristo segundo Allan Kardec.....	71
Anexo 4 - Camille Flammarion: ciência, pensamento e futuro do espiritismo.....	73
Anexo 5 - Percurso de estudo e bibliografia comentada.....	79
BIBLIOGRAFIA GERAL: Obras utilizadas e obras associadas.....	84

Introdução: Voltar ao Cristo

O Cristo atravessa os séculos com uma força que as doutrinas, as instituições e as controvérsias jamais esgotam. Seu nome permanece vivo na memória da humanidade porque toca o que há de mais profundo na consciência: a sede de verdade, a necessidade de justiça, a esperança no coração da prova e o chamado a uma vida mais elevada. Assim, quando um livro se propõe a refletir sobre o Cristo e o espiritismo, ele entra desde logo numa grande questão: como reencontrar, sob as interpretações acumuladas pelos séculos, a luz viva de seu ensinamento e o alcance espiritual de sua presença?

A abordagem espírita oferece aqui uma luz particular. Ela convida a voltar às grandes leis da vida espiritual, à responsabilidade da alma, à sobrevivência, à justiça divina, ao progresso do ser e à moral do Cristo.

Nos trechos de O Livro dos Espíritos (anexo 1), essa continuidade aparece com nitidez: a moral dos Espíritos superiores ali se resume “como a do Cristo” na regra universal de conduta, e o ensinamento espírita é apresentado como “eminentemente cristão”, fundado na imortalidade da alma, na justiça de Deus, no livre-arbítrio e na moral evangélica. O ponto de partida deste livro está aí: na convicção de que o espiritismo ilumina a mensagem do Cristo e ajuda a alma a recebê-la com mais inteligência e profundidade.

Allan Kardec dá a essa busca um método precioso. Em Estudo sobre a natureza do Cristo, ele afasta as construções demasiado abstratas e reconduz a reflexão aos atos e sobretudo às próprias palavras de Jesus. Procura a “chave do problema” no Evangelho, porque vê nele a fonte mais segura para compreender a missão e o lugar do Cristo. Mais adiante, mostra que a qualidade de Messias ou de enviado dada a Jesus implica uma relação viva entre o Pai e o Filho, e insiste na autoridade própria das palavras de Jesus quando afirma transmitir aquilo que recebeu de Deus. Essa abordagem restitui ao Cristo sua verdade espiritual, sua missão e a clareza de seu ensinamento.

Léon Denis traz a essa base doutrinária um sopro mais amplo. Na Introdução de Cristianismo e Espiritismo, ele descreve a necessidade de luz que toma conta das consciências fatigadas pelas obscuridades dogmáticas e pelas afirmações sem provas. Ele chama a uma fé mais esclarecida, mais experimentada, mais capaz de unir o pensamento, a vida moral e a esperança. Mais adiante, mostra que o espiritualismo moderno abre um terreno em que ciência e religião podem aproximar-se e fundir-se numa concepção mais vasta do destino. Essa perspectiva alimenta diretamente o espírito da presente obra: reencontrar o Cristo numa luz mais interior, mais viva, mais inteligível para o homem moderno.

Uma outra ideia essencial aparece então. O espiritismo não cria uma moral nova. Ele fortalece a inteligência e a prática da moral do Cristo.

Nas páginas de O Evangelho segundo o Espiritismo (anexo 2), essa ideia recebe uma expressão particularmente forte: “o espiritismo não cria moral alguma nova; ele facilita aos homens a

inteligência e a prática da moral do Cristo, dando uma fé sólida e esclarecida àqueles que duvidam ou vacilam”. Essa frase resume em grande parte a ambição do presente livro. Não se trata de acrescentar uma doutrina a mais ao grande debate religioso; trata-se de ouvir melhor o Cristo, compreender melhor seu apelo e receber dele uma força de transformação para a vida interior.

O leitor encontrará, portanto, nestas páginas, várias questões solidárias entre si.

Que lugar o Cristo ocupa realmente no espiritismo?

Como compreender sua natureza na perspectiva espírita?

O que revela sobre ele O Evangelho segundo o Espiritismo?

Que relação o espiritismo mantém com a religião, a ciência, a filosofia e a vida moral?

E sobretudo: o que acontece com a consciência humana quando ela deixa a palavra do Cristo iluminar sua busca, sua prova, sua responsabilidade e seu progresso?

Essas questões não pertencem apenas à exposição doutrinária; elas tocam o destino da alma e o sentido da vida.

O mundo moderno possui um vasto saber. Ele pede também uma luz mais interior. Desenvolve as ciências, multiplica os meios de ação, refina a análise; ainda busca um centro vivo, uma sabedoria mais profunda, uma esperança mais estável.

Nessa expectativa, o Cristo conserva um alcance singular. Ele aparece como revelador da lei de amor, guia das consciências e presença moral.

O espiritismo, quando permanece fiel à sua missão, ajuda a reconhecer esse alcance. Ele oferece ao homem uma inteligência mais firme da sobrevivência, da responsabilidade e do progresso. Convida-o a viver com mais clareza, mais caridade e mais consciência.

A presente obra deseja servir a esse movimento. Ela avança com respeito, com recolhimento e com vontade de compreender. Deseja unir o rigor da reflexão, a fidelidade à mensagem do Cristo e a profundidade da vida interior. Quer mostrar que o espiritismo e o cristianismo espiritual se encontram numa mesma exigência de transformação do ser, numa mesma fidelidade à lei moral, numa mesma aspiração à luz.

Assim, este livro se abre sob um sinal simples: voltar ao Cristo, não por hábito, mas por consciência; não por repetição, mas por inteligência; não por fechamento, mas por aprofundamento.

O espiritismo pode ajudar nesse retorno. Ele ilumina o caminho. Fortalece a esperança. Abre o pensamento ao invisível. Recorda à alma sua dignidade, sua responsabilidade e sua vocação ao progresso. E, nessa caminhada, o Cristo permanece como a luz mais alta oferecida ao nosso mundo.

O espiritismo pode sustentar esse movimento. Ele convida a caminhar por esse caminho. E, se possui uma verdadeira grandeza, talvez ela esteja aí: ajudar o homem moderno a reencontrar, para além dos ruídos do mundo e das disputas das doutrinas, a voz calma, profunda e sempre atual do Cristo.

O percurso pode agora abrir-se pela pergunta primeira: que lugar o Cristo ocupa realmente no espiritismo?

Os trechos de O Livro dos Espíritos e de O Evangelho segundo o Espiritismo, reunidos nos anexos 1 e 2, seguem nessa direção: neles o Cristo aparece como guia moral, referência interior e fonte viva do ensinamento espírita.

O primeiro capítulo recebe, portanto, naturalmente, essa missão: mostrar que o espiritismo encontra no Cristo seu eixo de luz e seu princípio de soerguimento.



Je rayonne – 03/03/2000

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo I: O lugar do Cristo no espiritismo

O lugar do Cristo no espiritismo aparece com grande clareza assim que se volta às fontes da filosofia. O espiritismo apresenta-se como um estudo das leis morais e espirituais, como uma busca esclarecida sobre o destino humano, como uma escola de responsabilidade e de progresso. Ora, no centro dessa orientação, o Cristo se ergue como referência moral, como guia interior, como modelo de vida e como ápice visível da lei de amor. Jesus é um guia espiritual e moral da humanidade, e seus ensinamentos ocupam um lugar essencial na busca do aperfeiçoamento.

Essa centralidade do Cristo se explica, antes de tudo, pela própria natureza da moral espírita.

No anexo dedicado a O Livro dos Espíritos, uma fórmula resume admiravelmente essa continuidade: “a moral dos Espíritos superiores se resume como a do Cristo” na regra universal do bem para com o próximo. Essa frase vai muito longe. Ela significa que o espiritismo reconhece no ensinamento do Cristo a forma mais pura, mais inteligível e mais praticável da lei moral. O Cristo constitui seu foco vivo. Onde se trata de amar, servir, perdoar, reformar-se, preferir o bem ao orgulho, o pensamento espírita reencontra espontaneamente a palavra evangélica como seu eixo natural.

O lugar do Cristo no espiritismo compreende-se também pela missão que a filosofia reconhece em Jesus. O Cristo vem revelar as leis divinas e mostrar o caminho para a perfeição moral. Jesus revela uma orientação de vida. Mostra o que a existência se torna quando se ordena em torno do amor, da caridade, da humildade, da fidelidade a Deus e do serviço aos outros. Nessa perspectiva, o Cristo aparece como um mestre de elevação interior. Ele não fala apenas à inteligência; ele forma a consciência.

Esse lugar central torna-se ainda mais nítido quando se observa o que o espiritismo espera concretamente do homem. Ele não pede apenas que se creia na sobrevivência da alma ou na existência do mundo invisível. Deseja um progresso moral real. Sugere uma transformação do caráter. Propõe uma vida mais reta, mais caridosa, mais fraterna.

É aqui que a figura do Cristo se torna decisiva, porque dá uma forma encarnada a essa exigência. Jesus representa, para a consciência espírita, o exemplo mais acabado de uma vida ajustada à lei divina. Ele mostra como a verdade se torna bondade, como a força se torna doçura, como o próprio sofrimento pode tornar-se oferenda, paciência e fidelidade interior.

Exemplos concretos permitem medir essa influência.

O primeiro encontra-se na caridade. Na perspectiva espírita, a caridade torna-se olhar fraterno, indulgência, paciência, perdão, apoio moral, esforço sincero para aliviar a pena do outro. Ora, essa maneira de viver vem diretamente do Evangelho. O Cristo dá ao espiritismo seu tom de misericórdia e sua prioridade moral: o progresso espiritual mede-se pela qualidade do amor vivido.

Assim, um espírita que estuda muito, mas ama pouco, permanece longe do coração da filosofia; um ser simples, mas habitado pela bondade, já se aproxima de seu centro vivo. Essa ideia se une ao acento de Léon Denis, para quem a doutrina do Cristo é, por excelência, a da piedade, da misericórdia e da fraternidade entre os homens.

O segundo exemplo aparece no discernimento espiritual. O espiritismo concede grande lugar aos fenômenos, às comunicações e às manifestações do invisível. Ainda assim, oferece um critério muito firme para apreciá-los: a missão verdadeira prova-se por seus efeitos morais.

O anexo 2, referente a O Evangelho segundo o Espiritismo, o diz claramente na passagem “Não creiais em todos os Espíritos”: os fenômenos, por si sós, nada provam; somente os efeitos morais revelam a verdade de uma missão.

Esse ponto aproxima imediatamente o espiritismo do Cristo. Jesus não fundou sua autoridade no espetáculo, mas na luz moral de seu ensinamento e na pureza de sua vida.

Assim, o lugar do Cristo no espiritismo aparece também como um princípio de vigilância e de verdade: a luz autêntica eleva, pacifica, esclarece e transforma.

O terceiro exemplo toca o sofrimento e a esperança. Léon Denis mostra, em Cristianismo e Espiritismo, que o espiritualismo moderno reaviva no homem a certeza da imortalidade e torna o destino mais compreensível. Ele afirma que o espiritismo nos reconduz ao fundo mesmo do Evangelho, tornando mais aceitáveis as grandes verdades do cristianismo primitivo sobre a sobrevivência, a justiça e a comunhão das duas humanidades.

Sob esse ângulo, o lugar do Cristo cresce ainda mais: ele se torna aquele que ilumina a dor humana e lhe dá uma direção. O sofrimento deixa de ser um muro sem saída; torna-se uma etapa, um apelo, por vezes uma purificação, sempre uma ocasião de crescimento quando é atravessado com fé e caridade. O Cristo ocupa aqui o lugar daquele que acompanha, consola e ergue.

O quarto exemplo diz respeito à própria vida dos grupos espíritas. Léon Denis recorda que o cristianismo primitivo aproximava as duas humanidades, a terrestre e a celeste, e que, em cada grupo cristão, como hoje em cada grupo espírita, exerciam-se dons de inspiração, de palavra, de cura e de consolação.

Essa comparação traz uma profundidade histórica interessante. Ela mostra que, no pensamento espírita, o Cristo inspira uma forma de vida coletiva fundada na prece, no estudo, na assistência moral, na fraternidade e na presença ativa do mundo invisível.

O espiritismo assume então a figura de um cristianismo interiorizado e renovado, centrado no espírito de Jesus mais do que no aparato das instituições.

Outra razão explica o lugar do Cristo no espiritismo: a filosofia reconhece em seu ensinamento uma lei universal antes que uma pertença de fronteira. O espiritismo não ensina “Fora do espiritismo não há salvação”; ele facilita a inteligência e a prática da moral do Cristo. Essa passagem é muito

importante. Ela mostra que o Cristo, no espiritismo, reúne em vez de separar. Ele ilumina todas as consciências que vivem segundo a lei de Deus, qualquer que seja sua etiqueta religiosa.

O centro desloca-se então da pertença exterior para a qualidade interior. Assim, o lugar do Cristo torna-se o de um princípio de universalidade: ele irradia onde quer que se desenvolvam o amor ao próximo, a probidade, a humildade e a fraternidade.

Essa perspectiva ilumina também a liberdade deixada pelo espiritismo em certas questões doutrinárias. Jesus não impunha um dogma específico. Essa liberdade ganha todo o seu sentido quando se compreende a hierarquia das prioridades. O espiritismo concede o primeiro lugar à luz moral do Cristo, ao exemplo que ele oferece e ao impulso de transformação que ele suscita.

A consciência pode então aprofundar, segundo sua medida, as questões relativas à sua natureza ou à sua missão. Assim, o lugar do Cristo no espiritismo repousa sobre uma evidência espiritual e moral. Jesus ocupa o centro porque orienta o progresso, porque dá uma forma humana à lei divina, porque une em si a verdade, a bondade e a força interior.

Léon Denis ajuda a formular essa ideia com mais amplitude. Na Introdução de Cristianismo e Espiritismo, ele exprime pela ideia do Cristo um profundo respeito, uma admiração sincera, e fala do Nazareno como do foco intenso e radiante do cristianismo. Essa imagem convém muito bem ao lugar do Cristo no espiritismo. O Cristo é seu foco moral. Nele se concentra a luz. Nele se reúnem os princípios. Nele a filosofia recebe seu sentido superior: elevar o ser humano a uma vida mais justa, mais fraterna, mais consciente e mais amorosa.

A partir daí, a resposta à questão do capítulo torna-se mais rica. O Cristo ocupa, no espiritismo, o lugar de um centro moral, de um guia interior, de um princípio de universalidade, de um modelo vivo e de um critério de discernimento. Ele ilumina a conduta individual. Inspira a fraternidade. Dá sentido ao sofrimento. Recorda que o conhecimento espiritual recebe seu cumprimento na caridade. Mostra também que a verdadeira altura de uma doutrina se mede pela qualidade de vida que ela faz nascer.

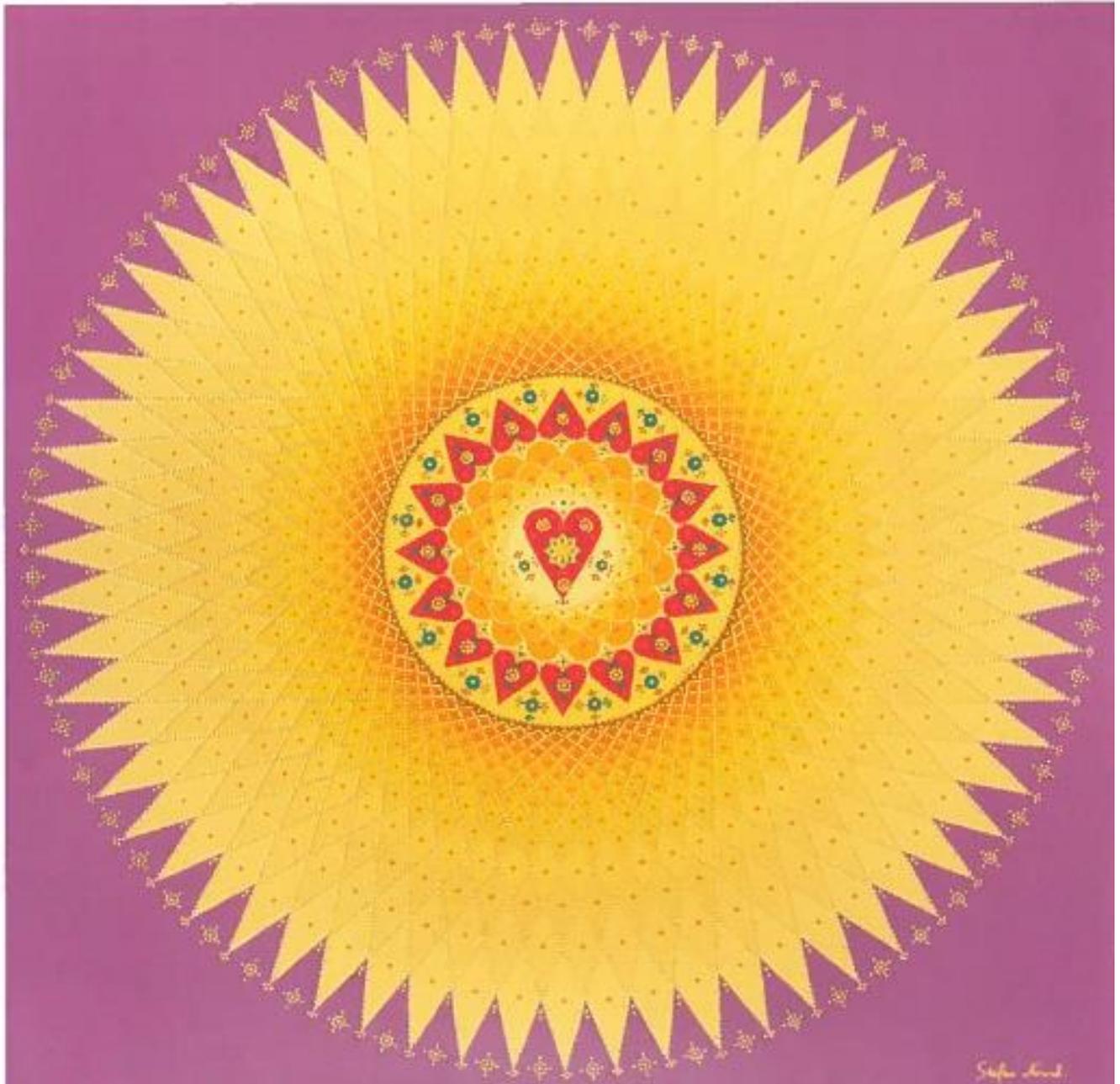
O espiritismo recebe, assim, do Cristo, sua gravidade, sua doçura, sua profundidade e sua direção. Ele avança com ele rumo a uma fé mais esclarecida, a uma consciência mais reta e a uma fraternidade mais viva. Encontra nele a luz que dá forma ao estudo, a verdade que dá sentido à esperança e o exemplo que chama cada um a tornar-se melhor.

O Cristo, no espiritismo, é uma presença de soerguimento. É uma medida de verdade. É aquele em direção a quem a alma sobe quando deseja sair de si mesma, vencer a noite e voltar à luz.

Referências bibliográficas do capítulo I

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, questão 625 (“Vede Jesus”); referências doutrinárias sobre a lei de amor e de caridade; questão 886 sobre o verdadeiro sentido da palavra caridade.
- Allan Kardec, Estudo sobre a natureza do Cristo, seção “Fonte das provas sobre a natureza do Cristo”.
- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução, especialmente as passagens sobre o retorno ao espírito vivo de Jesus.
- Luzes na noite dos tempos, Dervy, Paris, 1950: obra aqui retida como fonte de inspiração espiritual e de sopro.



Je suis Amour et Lumière– 03/06/2003

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo II: A natureza do Cristo

A questão da natureza do Cristo atravessa os séculos como uma interrogação jamais encerrada.

As religiões a levaram ao altar, as teologias a cercaram de definições, as controvérsias a carregaram de sutilezas, e, contudo, a alma humana volta sempre a essa mesma pergunta, simples e imensa: quem era, então, Jesus, para que sua palavra tenha atravessado os tempos com tamanha força de consolação, de verdade e de soerguimento?

O espiritismo, quando permanece fiel ao seu espírito de medida, aborda essa questão sem gosto por fórmulas absolutas. Não pretende encerrar o Cristo numa definição que esgote seu mistério. Busca antes discernir, à luz da razão, do ensinamento moral e das revelações espíritas, que altura de alma se manifesta nele. Não se trata tanto de satisfazer a curiosidade metafísica, mas de reconhecer, na pessoa de Jesus, o grau de elevação espiritual que explica sua missão, sua palavra e seu raio de ação.

A esse respeito, o Cristo aparece, na perspectiva espírita, como um espírito chegado a uma pureza eminente, a um soberano domínio de si mesmo, a uma comunhão excepcional com a lei divina. Ele não se assemelha a essas figuras humanas em que a verdade permanece misturada à sombra, o amor à dureza, a luz ao orgulho. Nele tudo parece unificado. O pensamento, o verbo, a ação, a bondade, a força interior, tudo converge com uma simplicidade tão elevada que se compreende por que tantas almas, há dois mil anos, veem nele o mais puro modelo dado ao nosso mundo.

O que impressiona, com efeito, não é apenas a elevação de seu ensinamento, mas o acordo perfeito desse ensinamento com a vida que levou. Outros falaram do bem; ele o encarnou. Outros exaltaram a justiça; ele a viveu sem violência. Outros recomendaram o amor; ele o levou até o perdão da injúria e à compaixão por seus perseguidores. Ele não é apenas um pensador religioso, nem um reformador moral, nem um profeta no sentido estreito do termo. É a alma humana chegada a tal grau de transparência ao divino que sua própria presença se torna ensinamento.

É por isso que o espiritismo o reconhece como um espírito de uma ordem incomparavelmente elevada.

Não porque fosse preciso, para honrá-lo, arrancá-lo de toda inteligibilidade e colocá-lo numa noite dogmática inacessível, mas porque sua missão, a natureza de sua palavra, a extensão de seu amor e a potência moral de seu exemplo o designam como um ser que ultrapassa de muito a medida comum.

Ele é um daqueles em quem a humanidade percebe o que ainda não é, mas aquilo para o qual deve tender.

Entretanto, essa grandeza não conduz necessariamente, na abordagem espírita, a assimilá-lo ao próprio Deus, no sentido em que certas doutrinas o afirmaram.

O espiritismo distingue o enviado do Princípio Supremo, o revelador da Fonte que ele revela. Essa distinção restitui ao Cristo sua missão própria. Pois, se Jesus vem de Deus, se manifesta sua lei, se exprime seu amor com uma pureza sem igual, ele não deixa de ser, para o pensamento espírita, o mediador sublime, e não o próprio Absoluto.

Sua grandeza não está em ser confundido com Deus, mas em ser a expressão mais alta, para o nosso mundo, da vontade divina em ação numa consciência perfeita.

Assim compreendida, a natureza do Cristo escapa a dois erros contrários.

O primeiro consistiria em rebaixá-lo até fazer dele apenas um sábio entre outros, um moralista genial, um iniciado superior, mas comparável a tantos outros mestres da história.

O segundo seria elevá-lo de tal maneira em afirmações inacessíveis que já não se pudesse segui-lo, compreendê-lo ou mesmo imitá-lo em espírito.

Entre esses dois excessos, o espiritismo busca um caminho mais justo: reconhecer em Jesus o espírito mais elevado vindo para guiar a Terra, sem reduzi-lo ao homem comum nem aprisioná-lo em formulações que retirariam de seu exemplo seu alcance vivo.

Essa abordagem convida também a não se deter no maravilhoso exterior. A natureza do Cristo não se mede primeiramente pelos prodígios que lhe são atribuídos, mas pela luz moral que ele irradia. Os fenômenos extraordinários, reais ou interpretados como tais, não esgotam a questão. O que revela Jesus, antes de tudo, é a qualidade de sua alma, a serenidade de sua força, a autoridade de sua doçura, a imensidão de sua caridade, a pureza de sua renúncia. Aí está o sinal mais profundo. Porque é ainda mais raro amar perfeitamente do que maravilhar as multidões.

Poder-se-ia então dizer que o Cristo é, para o espiritismo, a imagem mais alta do espírito libertado das paixões inferiores, liberto do egoísmo, ajustado sem reserva à justiça, à misericórdia e ao amor. Nele, a vontade já não serve à ambição pessoal; ela se torna serviço. A inteligência já não serve para dominar; ela esclarece. O sofrimento não o dobra sobre si mesmo; abre-o ainda mais à compaixão universal. Ele é a vitória do espírito sobre o orgulho, sobre o medo, sobre a violência, sobre a tentação de responder ao mal com o mal.

Desde então, falar da natureza do Cristo não é apenas discutir uma essência; é interrogar uma altura. Não é resolver um problema especulativo; é contemplar aquilo em que uma alma totalmente fiel à lei divina pode tornar-se. Jesus aparece então como um cume destinado a orientar. Ele diz, por toda a sua existência: elevai-vos.

O espiritismo vê, portanto, nele um espírito puro, ou ao menos tão próximo da pureza perfeita que permanece, para a humanidade terrestre, o exemplo acabado do laço vivo entre a criatura e seu Criador.

Olhando para ele, o homem compreende melhor seu próprio destino. Descobre que a vida não tem por fim o poder, a posse ou a glória passageira, mas a transformação interior do ser. Compreende

que o verdadeiro reino é aquele que irradia; que a verdadeira grandeza é amar; e que a verdadeira luz está na consciência tornada transparente ao bem.

Assim, a natureza do Cristo segundo o espiritismo adivinha-se num conjunto harmonioso: pureza da alma, altura da missão, plenitude do amor, soberania moral, união profunda com a lei de Deus.

Jesus é mais do que um sábio, mais do que um profeta, mais do que um homem de bem no sentido ordinário. Ele é, para a nossa Terra, o modelo mais elevado da vida espiritual realizada.

E é precisamente porque é tão elevado que permanece tão próximo.

Sua luz não nos esmaga: ela nos chama a ela.

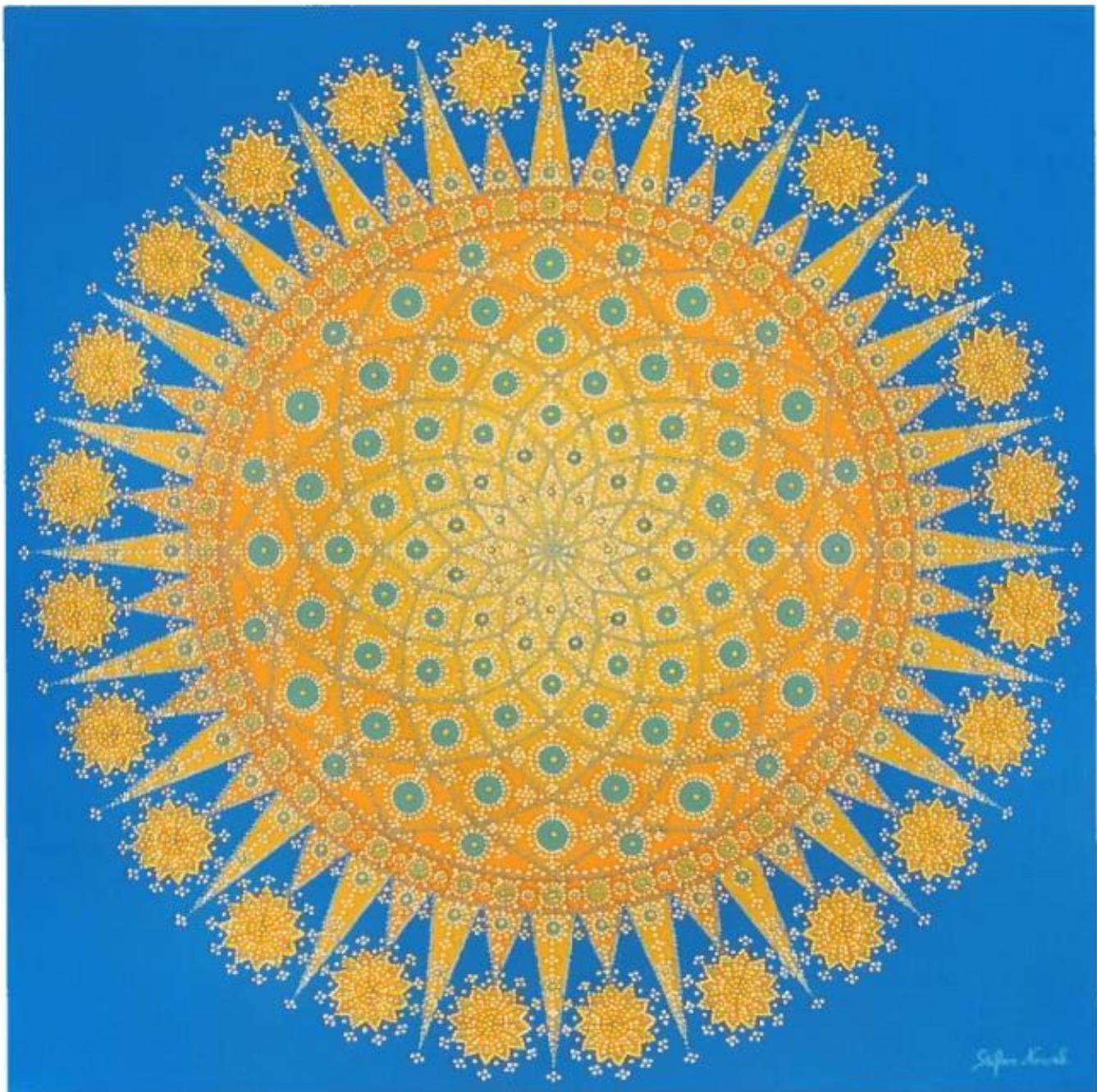
Ele não se ergue como um privilégio inacessível: ele abre um caminho.

Ele não fecha a rota por sua perfeição: ele mostra para onde a alma pode tender quando deixa, pouco a pouco, o amor de Deus ocupar todo o espaço.

Referências bibliográficas do capítulo II

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Allan Kardec, Estudo sobre a natureza do Cristo: “Fonte das provas sobre a natureza do Cristo”; “A divindade do Cristo é provada pelos milagres?”; “A divindade de Jesus é provada por suas palavras?”; “Opinião dos Apóstolos”; “Filho de Deus e Filho do homem”.
- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, questão 625.
- Jesus Christ According to Spiritism: supporting work, chiefly for the moral mission de Christ and for the Spiritist reading de Gospel sayings.



Je suis lumière (n°2) – 09/02/1997

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo III: O Cristo em O Evangelho segundo o Espiritismo

Em O Evangelho segundo o Espiritismo, o Cristo é presença central, luz moral, consciência superior oferecida à humanidade como regra de vida, princípio de soerguimento e medida interior de toda verdade espiritual. O livro não se dedica primeiro a definir Jesus segundo as querelas da teologia; busca sobretudo fazer ouvir, sob os véus da história, a pureza duradoura de seu ensinamento.

Allan Kardec realiza ali um gesto essencial: reconduz o olhar não às construções humanas acumuladas em torno do cristianismo, mas ao coração vivo do Evangelho. Não pede ao leitor que se perca em abstrações, nem que se detenha em controvérsias que dividiram os séculos; convida-o a voltar àquilo que ilumina, consola e obriga moralmente. Esse retorno ao Cristo é um retorno à fonte. É a busca de uma verdade capaz de transformar a vida.

Assim, em O Evangelho segundo o Espiritismo, Jesus ocupa o lugar de guia moral supremo para o nosso mundo.

Ele é aquele cuja palavra reúne em si as mais altas exigências da consciência: amar sem cálculo, perdoar sem fraqueza, servir sem orgulho, sofrer sem amaldiçoar, esperar sem se cansar.

Seu ensinamento é ali apresentado como uma lei universal, acessível a todas as almas de boa vontade, quaisquer que sejam sua origem, sua cultura ou sua confissão.

O Cristo não fala ali a uma Igreja particular; ele fala ao homem interior.

É por isso que as virtudes evangélicas adquirem, na leitura espírita, uma importância decisiva.

A caridade torna-se disposição profunda da alma, olhar fraterno, paciência para com os seres, auxílio moral, bondade ativa.

O perdão é vitória sobre a cadeia do mal.

A humildade é verdade do ser diante de Deus.

A mansidão é a forma mais alta do domínio interior.

Todas essas virtudes, O Evangelho segundo o Espiritismo as recolhe em torno do Cristo como em torno de seu foco natural.

Mas o livro insiste num ponto capital: a verdade do cristianismo só se prova plenamente na prática. O Cristo é aquele que deve ser vivido.

Uma fé que não transformasse nem o caráter, nem as relações humanas, nem o uso do sofrimento, permaneceria incompleta.

Assim, a leitura espírita do Evangelho lembra sem cessar que a espiritualidade autêntica se reconhece menos nas palavras do que nos atos, menos nas profissões de crença do que nos frutos produzidos na vida cotidiana. O Cristo torna-se então uma exigência a encarnar.

Essa perspectiva dá ao livro uma tonalidade muito particular. O Evangelho segundo o Espiritismo torna o livro mais claro. Ele nada retira de Jesus; procura tornar sua voz mais inteligível às consciências modernas. Ao esclarecer seus ensinamentos à luz da razão, da lei moral e da experiência espiritual, tenta fazer aparecer sua coerência profunda. Pede que se abra a razão a uma altura maior do que ela mesma. Não substitui o espírito do Evangelho por uma doutrina seca; quer, ao contrário, mostrar que a verdade espiritual e a luz moral podem harmonizar-se.

Daí vem que a figura do Cristo ali permaneça sóbria, elevada e viva. O Cristo de O Evangelho segundo o Espiritismo é, antes de tudo, o do Sermão da Montanha, o das bem-aventuranças, o da misericórdia, da compaixão, do apelo à regeneração íntima. Sua grandeza vem do que ele revela sobre o destino humano: o homem não foi feito para o ódio, a dominação e o endurecimento; ele é chamado a crescer no amor, na justiça e na luz.

Nesse sentido, o livro faz do Cristo a pedra de toque de toda elevação espírita. Sem ele, o espiritismo poderia perder-se na curiosidade pelos fenômenos, no orgulho da explicação ou em especulações secundárias. Com ele, reencontra seu eixo. Lembra-se de que o estudo das realidades invisíveis só tem valor se conduz a uma reforma da alma. Compreende que o conhecimento espiritual não é uma superioridade a exibir, mas uma responsabilidade acrescida diante do bem. O Cristo torna-se então a garantia moral da filosofia: não seu ornamento, mas seu centro vivo.

É preciso, pois, dizer que, em O Evangelho segundo o Espiritismo, Jesus ocupa menos o lugar de um problema teológico a resolver do que o de um modelo interior a seguir. Ele é o revelador da lei de amor, o guia das consciências, o mestre da transformação íntima. Sua autoridade não é, antes de tudo, institucional; é espiritual. Ela se reconhece pela luz que lança na alma. Quando uma consciência sofredora busca o sentido da prova, quando um coração ferido aprende a perdoar, quando um ser orgulhoso começa a vencer-se, quando um homem compreende que a verdadeira grandeza está em servir, é ainda o Cristo do Evangelho que age silenciosamente.

Assim, O Evangelho segundo o Espiritismo coloca Jesus no centro para abri-lo ao universal. O Cristo ali aparece como a mais alta expressão, para a Terra, da lei divina tornada vida humana. Ele é aquele cuja palavra continua a iluminar as almas que querem caminhar. É aquele que chama cada um a tornar-se mais verdadeiro, mais justo, mais caridoso e mais fraterno.

O Cristo, neste livro, é uma presença moral. É um caminho. É o princípio de uma transformação.

Referências bibliográficas do capítulo III

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, especialmente os capítulos VI (“O Cristo consolador”), XI (“Amar o próximo como a si mesmo”), XII (“Amai os vossos inimigos”), XV (“Fora da caridade não há salvação”), XVII (“Sede perfeitos”) e XXIV (“Não ponhais a luz debaixo do alqueire”).
- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, questão 886.
- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução, para o retorno ao coração vivo do Evangelho.



Les mondes de lumière– 28/02/2005

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo IV: O espiritismo é uma religião?

A palavra religião conta entre aquelas que os séculos mais carregaram. Ela evoca o impulso da alma para Deus, a fidelidade das consciências, a consolação na prova, a força interior que ergue e une. Ela recorda também a história das instituições, das doutrinas, das tradições, das pertenças, das formas visíveis pelas quais os homens procuraram exprimir sua relação com o divino. Assim, quando se pergunta se o espiritismo é uma religião, a primeira exigência consiste em precisar de que religião se fala: da religião como instituição, como culto e como sistema organizado; ou da religião como vida interior, como relação da alma com a lei moral, com o invisível e com Deus. Essa distinção esclarece toda a questão: o espiritismo é uma religião?

Em sua expressão própria, o espiritismo aparece, antes de tudo, como uma filosofia de estudo, de observação, de reflexão moral e de experiência espiritual. Dirige-se à inteligência tanto quanto à consciência. Chama o ser humano a examinar, comparar, discernir, aprofundar. Propõe uma convicção que amadurece em vez de um credo que se impõe. Abre uma pesquisa em vez de fechar um sistema. É precisamente essa liberdade de exame que lhe dá seu caráter particular e sua dignidade. O leitor entra nele para compreender, crescer, esclarecer sua fé e unir a experiência íntima à razão.

Essa orientação encontra com força o pensamento de Léon Denis. Na Introdução de Cristianismo e Espiritismo, ele exprime a necessidade de uma luz mais firme sobre as grandes questões do destino humano e descreve o cansaço das consciências diante dos “dogmas obscuros”, das teorias fechadas e das afirmações separadas da prova. Seu apelo vai para uma fé mais esclarecida, mais sólida, mais capaz de unir a esperança, o pensamento e a vida moral. O espiritismo responde a essa expectativa dando à alma um caminho em que a busca ilumina a crença e a crença alimenta a transformação interior.

O espiritismo convida cada ser a desenvolver sua própria compreensão. Estimula o estudo das leis morais e espirituais. Quer uma inteligência que se abra, uma consciência que se refine, uma fé que se ilumine por dentro. Aprende-se nele menos a recitar do que a discernir, menos a repetir do que a amadurecer. A verdade ali aparece como uma luz que a alma reconhece à medida que se torna mais inteligível ao espírito e mais fecunda na vida. Essa dinâmica dá ao espiritismo uma feição muito particular: ele se apresenta como uma pedagogia da alma, uma disciplina interior, uma escola de responsabilidade.

A essa liberdade de busca junta-se um outro traço essencial: o espiritismo acolhe a diversidade dos caminhos religiosos e filosóficos. Ele alcança o homem onde ele se encontra. Respeita as fidelidades sinceras. Permite a cada um integrar seus princípios ao próprio horizonte espiritual, contanto que permaneçam a busca leal da verdade, o esforço pelo bem e o crescimento da consciência. Essa atitude dá ao espiritismo uma amplitude fraterna. A luz ali circula como um chamado ao discernimento e à

elevação, e não como monopólio reservado a alguns. O espiritismo é o pluralismo das crenças e a liberdade deixada a cada um.

A relação do espiritismo com a ciência e com a filosofia reforça ainda essa originalidade. Ele considera os fenômenos espirituais como pertencentes a uma ordem real, profunda, ainda imperfeitamente conhecida, mas acessível à observação, à inteligência e ao estudo. Coloca, assim, a fé e a razão num mesmo movimento de pesquisa.

A ciência explora, a filosofia interroga, a moral orienta, e a espiritualidade dá ao conjunto sua profundidade humana e divina. Léon Denis desenvolve essa aspiração com muita força quando evoca uma fé do futuro fundada na experiência, na observação imparcial e nos fatos. Essa perspectiva dá ao espiritismo seu tom particular: uma luz espiritual que acolhe a inteligência em vez de temê-la.

Entretanto, o espiritismo leva consigo muito mais do que um método de estudo. Ele alcança no homem o que há de mais religioso no sentido mais elevado: a questão de Deus, o sentido do destino, a sobrevivência da alma, a responsabilidade moral, a justiça para além das aparências, o progresso do ser, a fraternidade universal. Traz a essas questões um calor moral, uma orientação interior e uma exigência de transformação. Coloca a esperança a serviço do progresso interior. Faz da vida terrestre uma etapa consciente do desenvolvimento da alma. Nisso, toca a religião em seu foco vivo: lá onde o homem se liga a uma lei superior, descobre sua responsabilidade e busca seu caminho para a luz.

Uma distinção torna-se então particularmente fecunda. Existe uma religião exterior, feita de formas, hábitos, pertenças, quadros visíveis, tradições, autoridades e às vezes prestígio. Existe também uma religião interior, feita de fidelidade ao verdadeiro, de amor ao bem, de senso de justiça, de aspiração a Deus, de caridade viva para com todos.

O espiritismo liga-se poderosamente a essa segunda dimensão. Ele desperta a consciência. Chama a alma a crescer. Conduz a uma fé mais lúcida, mais livre, mais responsável, mais fraterna. As páginas de Léon Denis sobre a crise das formas religiosas e sobre o empobrecimento interior das instituições oferecem aqui um esclarecimento precioso: mostram que a ideia religiosa reencontra toda a sua força quando volta ao sopro, à verdade vivida e ao progresso moral.

A resposta à questão colocada toma então sua justa medida. O espiritismo ocupa um lugar singular. Traz uma dimensão religiosa no sentido nobre, porque ilumina o destino humano, liga o homem à ordem divina, afirma a primazia da lei moral e faz da caridade a medida real da elevação. Exprime-se como uma busca espiritual disciplinada pela razão e fecundada pelo amor. O espiritismo compartilha com as religiões um alcance moral e espiritual, conservando ao mesmo tempo sua liberdade de estudo e de exame.

Essa posição dá ao espiritismo uma força particular. Ele guarda sua flexibilidade viva. Conserva o calor do coração. Mantém a altura filosófica. Une o que a história tantas vezes separou: o exame e a fé, a experiência e a esperança, a luz da inteligência e o apelo interior do bem. Léon Denis já entrevia tal síntese quando falava de uma crença universal das almas, mais vasta, mais fraterna e mais aberta às realidades espirituais. Sem retomar todas as suas formulações, pode-se reconhecer no espiritismo um dos esforços mais nítidos para fazer dialogar a ciência, a filosofia, a moral e a vida interior.

A questão toma então uma forma mais justa: que vida espiritual o espiritismo propõe ao homem moderno?

Ele oferece um caminho de busca e de amadurecimento interior.

Purifica o sentimento religioso.

Honra a busca sincera.

Chama cada um a mais verdade, mais consciência e mais fraternidade.

Acompanha a alma por um caminho em que a luz se constrói, a convicção se fortalece e o amor se torna a medida do progresso.

Assim, o espiritismo torna-se menos um aparelho de crença do que uma pedagogia do ser, menos uma disciplina exterior do que uma formação da consciência, menos um sistema fechado do que uma abertura para Deus e para o futuro da alma.

O espiritismo é uma abertura.

É uma escola de luz.

É uma convicção a construir.

E, se toca a religião, é em seu centro mais vivo: lá onde a alma, livremente, busca Deus na verdade, no amor e no progresso.

Referências bibliográficas do capítulo IV

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução e passagens sobre a crise religiosa, o esmorecimento dos dogmas e o retorno ao espírito de Jesus
- Camille Flammarion, Discurso pronunciado sobre o túmulo de Allan Kardec, pelo interesse científico e filosófico dos estudos espíritas.
- Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulos XV, XVII e XXIV.



Les sept pierres précieuses de la vie - 25/11/2002

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo V: O espiritismo e as outras religiões: convergências, luz comum e fraternidade das almas

As religiões da humanidade trazem a marca de uma mesma busca. Sob a diversidade dos povos, das línguas, dos ritos, das doutrinas e dos símbolos, elas testemunham um movimento profundo da alma em direção ao invisível, à lei moral, a Deus, a uma vida mais alta do que a simples aparência terrestre. Cada uma, segundo sua época, sua cultura e seu próprio gênio, procurou responder às grandes interrogações da existência: de onde viemos, por que sofremos, o que acontece ao ser depois da morte, como viver com justiça e como caminhar rumo à luz?

O espiritismo entra nessa vasta paisagem espiritual com um lugar singular. Ele ajuda a reler-lhe o sentido. Procura iluminá-la. Oferece uma luz de discernimento, uma inteligência mais ampla das leis espirituais, uma consciência mais viva da responsabilidade humana e uma leitura mais profunda dos caminhos pelos quais os homens buscaram Deus.

Allan Kardec já dá a essa perspectiva um fundamento importante quando mostra, em O Livro dos Espíritos, que a lei divina está escrita na consciência e que o verdadeiro bem se reconhece por sua orientação moral universal. A questão 621, sobre a lei de Deus escrita na consciência, e a questão 886, sobre o verdadeiro sentido da caridade, abrem um horizonte que ultrapassa as fronteiras de um único grupo religioso. A luz moral aparece aí como patrimônio da alma humana antes mesmo de se tornar propriedade de uma instituição. É nesse sentido que o espiritismo pode encontrar as religiões no que elas trazem de mais vivo.

Assim, o espiritismo pode reconhecer, nas grandes religiões, uma parcela autêntica de luz. O judaísmo carregou com força o sentido da aliança, da fidelidade, da justiça divina e da santidade da lei. Nos Salmos, no chamado dos profetas à justiça e na consciência de um Deus que fala à história humana, a alma descobre uma exigência moral que já prepara o terreno para uma revelação mais interior.

O cristianismo deu ao mundo, na palavra e na vida do Cristo, a expressão mais pura do amor, do perdão, da caridade e do soerguimento interior.

O islã preservou com vigor o sentido da grandeza de Deus, da adoração, da oração regular, da esmola, do jejum e da disciplina espiritual.

O hinduísmo desenvolveu uma visão profunda da interioridade, da vida da alma, do desprendimento e da transformação do ser.

O budismo trouxe à luz o trabalho interior, a compaixão, o domínio de si, o despojamento do desejo e a atenção ao mal que o homem sustenta em si mesmo.

Outras tradições ainda conservaram, cada qual em sua própria linguagem, uma intuição do sagrado, do dever moral, do recolhimento, da purificação interior ou da fraternidade entre os seres.

O espiritismo pode acolher essa diversidade sem confusão. Ele olha menos as formas exteriores do que os frutos interiores. Onde uma tradição ensina o homem a vencer-se, a purificar-se, a servir, a amar, a orar, a esperar e a reconhecer uma lei mais alta do que o orgulho, ela participa de uma obra de luz. Onde fortalece a consciência, ajuda a alma a elevar-se. Onde inspira a caridade, une-se à grande lei moral que atravessa toda revelação verdadeira.

Essa maneira de ler as religiões concorda profundamente com o espírito de Léon Denis. Na Introdução de Cristianismo e Espiritismo, ele mostra que as formas religiosas podem tornar-se pesadas, rígidas ou obscurecidas, ao passo que o núcleo vivo da ideia religiosa permanece voltado para a luz, a justiça, a esperança e a elevação da alma. Seu pensamento oferece aqui um apoio precioso: torna-se possível distinguir, em cada tradição, o que pertence à vida interior e o que pertence ao seu invólucro histórico. O espiritismo pode, assim, reconhecer as sementes de verdade espalhadas através dos séculos sem renunciar ao seu próprio eixo moral.

O próprio livro avança nessa direção. Desde a introdução, mostra que o espiritismo conduz a alma ao Cristo, à lei moral, à responsabilidade pessoal e à caridade viva. Este novo capítulo alarga o horizonte. Ele mostra que a abertura às outras religiões se harmoniza com a fidelidade ao centro crístico. O espiritismo confirma, assim, sua vocação de discernimento, de consciência e de fraternidade.

O espiritismo traz aqui um princípio de leitura particularmente fecundo. Ele ajuda a distinguir, em cada tradição, o essencial do acessório, a luz do depósito histórico, a vida interior do invólucro institucional. Recorda que as verdades espirituais foram muitas vezes recebidas pela humanidade sob formas progressivas, adaptadas à condição moral, intelectual e social dos povos. Aquilo que as religiões por vezes exprimiram na forma de símbolo, relato, mandamento, rito ou disciplina, o espiritismo procura reler à luz das grandes leis da sobrevivência, da responsabilidade, do progresso da alma e da justiça divina.

Exemplos concretos ajudam a apreender melhor essa convergência. Quando um crente judeu medita sobre a justiça dos profetas, quando um cristão procura viver as bem-aventuranças, quando um muçulmano se recolhe na oração e pratica a esmola, quando um hindu segue uma disciplina interior ordenada à purificação do ser, quando um budista cultiva a compaixão e a vigilância sobre si mesmo, algo de essencial se reúne: o esforço da alma para libertar-se do egoísmo, abrir-se a uma lei mais alta e deixar crescer em si uma vida mais pura e mais fraterna. O espiritismo pode reconhecer essa dinâmica com respeito, porque também ele coloca o progresso moral acima da aparência.

Allan Kardec ilumina ainda esse ponto em O Evangelho segundo o Espiritismo, sobretudo nos capítulos XV, XVII e XXIV. O capítulo XV, com a fórmula “Fora da caridade não há salvação”, desloca o centro de gravidade da religião: ele o faz passar da pertença exterior para a qualidade interior. O capítulo XVII, “Sede perfeitos”, recorda que a verdadeira vida espiritual se mede pelo

esforço sobre si, pela reforma do caráter e pelo domínio das tendências inferiores. O capítulo XXIV convida a fazer brilhar a luz recebida.

Esses marcos permitem ler as outras religiões por um critério simples e fecundo: onde a caridade cresce, onde a alma se transforma, onde a consciência se eleva, uma luz está agindo na humanidade.

Dessa maneira, torna-se possível ver as religiões como etapas diversas da educação espiritual da humanidade. Essa visão não suprime nem as diferenças nem os desacordos. Ela os recoloca dentro de uma história mais vasta, na qual a verdade se deixa aproximar por graus, a consciência humana aprende lentamente a purificar-se, e a luz divina trabalha os povos através de seus próprios limites.

Uma nuance essencial, contudo, precisa ser preservada. Reconhecer a parcela de luz presente nas outras religiões conduz naturalmente a compreender melhor o que, neste livro, dá ao Cristo seu lugar incomparável.

Para a consciência espírita, tal como desenvolvida ao longo dos capítulos precedentes, o Cristo permanece a luz mais alta oferecida ao nosso mundo. Ele é o revelador supremo da lei de amor para a Terra. É o guia moral, o mestre interior, o princípio vivo de transformação, o centro para o qual convergem o estudo espírita, a reflexão moral e a aspiração religiosa.

Os capítulos I, II e III o mostram de modo constante: o Cristo ocupa um lugar central no espiritismo; ele ilumina sua moral, eleva sua consciência e preserva seu eixo interior.

Entretanto, essa centralidade do Cristo harmoniza-se muito bem com um olhar fraterno sobre as outras tradições. Pois a luz se deixa reconhecer em toda parte onde o ser humano cresce na verdade, no bem, no serviço, na humildade, na compaixão e na fidelidade interior.

O próprio Cristo, em sua altura moral, convida a esse reconhecimento. Ele chama a uma caridade mais vasta, a uma verdade mais interior e a uma fraternidade que ultrapassa as fronteiras visíveis das pertencas exteriores.

O espiritismo pode, portanto, tornar-se uma linguagem de convergência. Ajuda a reconhecer a unidade profunda das aspirações religiosas sem apagar a diversidade dos caminhos. Convida as religiões a reencontrarem seu lar vivo: menos rivalidade, mais consciência; menos oposição, mais discernimento; menos apego às aparências, mais fidelidade à transformação interior. Recorda que a grandeza de uma tradição se mede menos por seu poder do que por sua capacidade de elevar o homem, purificar seu coração, fortalecer sua responsabilidade e abrir sua alma à luz.

Camille Flammarion oferece aqui um prolongamento interessante. Em seu discurso sobre Allan Kardec (ver Anexo 4), ele sublinha a amplitude filosófica dos estudos espíritas e sua importância para o futuro do pensamento humano. Essa abertura do espírito para uma compreensão mais vasta do destino pode também nutrir uma abordagem mais pacificada das religiões. Ela convida a sair das rivalidades estreitas para entrar numa busca mais alta da verdade.

Nessa perspectiva, o futuro espiritual da humanidade pode receber uma compreensão mais pacificada. Ele pede uma maturação interior. As religiões podem continuar a falar linguagens diferentes, conservar formas distintas e trazer suas heranças próprias. Podem também encontrar-se mais profundamente naquilo que têm de mais verdadeiro: o sentido do divino, o dever moral, o chamado a elevar-se acima de si mesmo, o amor ao próximo, a disciplina interior e a fraternidade das almas e dos povos.

O espiritismo tem aqui uma missão de clareza. Pode recordar que a sobrevivência da alma dá à existência humana um alcance mais vasto; que a justiça divina trabalha o ser através do tempo; que o progresso moral é a verdadeira medida da elevação; que a caridade vale mais do que a disputa; e que a luz se reconhece por seus frutos. Nesse sentido, pode ajudar as tradições religiosas a relever-se com maior profundidade, e as consciências a receberem com maior maturidade aquilo que elas contêm de melhor.

Uma tal leitura também se harmoniza com o espírito fraterno levado por nossos institutos e recordado no início do livro. O IGFP e o ISP se apresentam como lugares de estudo, discernimento, busca sincera, auxílio espiritual e transformação pessoal. Essa orientação convida a acolher com seriedade tudo aquilo que ajuda o homem a viver melhor, compreender melhor e amar melhor. Este novo capítulo entra, portanto, naturalmente nessa sensibilidade espiritual e fraterna.

Assim, o espiritismo e as outras religiões podem ser contempladas numa mesma perspectiva de crescimento. As religiões trouxeram clarões de luz. O espiritismo ajuda a discernir seu sentido. O Cristo dá ao conjunto sua medida mais alta para o nosso mundo. E a alma humana avança, através dessa pluralidade de caminhos, para uma verdade mais interior, uma responsabilidade mais consciente e uma caridade mais viva.

O espiritismo chama, portanto, a reconhecer a luz onde quer que ela se encontre, a amá-la mais profundamente à medida que se torna mais pura e a caminhar para essa unidade interior em que a verdade, o bem e a fraternidade se encontram.

É nesse espírito que as outras religiões podem ser abordadas: com discernimento, com respeito, com profundidade e com essa fidelidade ao Cristo que conserva intacto o centro vivo do livro.

Referências bibliográficas do capítulo V

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, especialmente as questões 621, 625 e 886.
- Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, sobretudo os capítulos XV (“Fora da caridade não há salvação”), XVII (“Sede perfeitos”) e XXIV (“Não ponhais a luz debaixo do alqueire”).
- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução, para a leitura interior das religiões e o retorno ao núcleo vivo da ideia religiosa.
- Camille Flammarion, discurso sobre Allan Kardec, pela abertura filosófica e espiritual do pensamento espírita.
- Em continuidade com o espírito geral do livro e com sua apresentação dos institutos.



L'éveil - 02/02/2002

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo VI: Sócrates, Buda, Jesus — três mestres de vida, três apelos à transformação interior

Através dos séculos e das civilizações, Sócrates, Buda e Jesus aparecem como despertadores da consciência. Essas figuras atravessam o tempo porque falam ao que há de mais profundo no ser humano: a necessidade de verdade, a luta contra a cegueira interior, a exigência moral, o desejo de uma vida mais alta. Os três chamam a uma vida mais interior, mais lúcida e mais livre. Os três convidam o ser humano a conhecer-se, a purificar-se e a elevar-se.

Aproximá-los pode ajudar a compreender melhor o que ofereceram à humanidade. Distingui-los permite também perceber com mais clareza o que confere ao Cristo, na perspectiva espírita, seu lugar incomparável. Pois o objetivo de tal aproximação consiste em reconhecer convergências morais e, em seguida, discernir a luz própria de cada um.

Um primeiro ponto os reúne claramente: os três combatem a ilusão. Sócrates combate a ilusão do falso saber, da autossuficiência e do pensamento não examinado. Buda combate a ilusão do desejo, do apego e da ignorância que prendem o ser ao sofrimento. Jesus combate a ilusão do orgulho, da hipocrisia, da dureza do coração e da religião reduzida à aparência. Em cada um deles, o homem é convidado a sair de um sono interior para entrar numa vida mais verdadeira.

Um segundo ponto os aproxima: os três conferem o primeiro lugar à transformação do ser. Sócrates chama a formar a alma pelo exame de si, pela retidão interior e pelo cuidado com o justo. Buda ensina uma disciplina de purificação que passa pela vigilância, pelo domínio dos apegos e pelo despertar para uma consciência pacificada. Jesus chama a uma conversão do coração, a um renascimento interior, a uma vida orientada pelo amor, pelo perdão, pela caridade e pela fidelidade a Deus. Assim, a sabedoria se reconhece naquilo que nos tornamos.

Um terceiro ponto merece ser sublinhado: os três dão à vida moral uma altura que ultrapassa os interesses imediatos. Em Sócrates, é a justiça. Em Buda, a compaixão. Em Jesus, o amor e o serviço. Essa orientação comum nos oferece uma referência preciosa: as grandes vozes espirituais da humanidade conduzem o homem a um ultrapassamento de si mesmo.

Contudo, cada um desses mestres ilumina esse caminho de maneira própria.

Sócrates aparece, antes de tudo, como o mestre da consciência interrogada. Seu ensinamento, transmitido por Platão, repousa sobre uma exigência de probidade interior. Ele convida o homem a reconhecer sua ignorância, a desconfiar das falsas certezas, a buscar o bem com sinceridade, a preferir a injustiça sofrida à injustiça cometida e a cuidar da própria alma. Há nessa atitude uma grande nobreza espiritual. Sócrates recorda que a verdade pede humildade, coragem e trabalho interior. Ele faz o homem passar do palavrório ao exame, da opinião à retidão, da aparência social à vida da alma.

Na perspectiva deste livro, Sócrates nos interessa porque prepara um certo clima moral. Ele ensina o homem a não viver superficialmente. Impulsiona-o a buscar algo mais alto que a utilidade imediata. Recorda-nos que a alma humana vale mais que o sucesso. Abre assim uma primeira pedagogia do despojamento interior. Ainda não fala, em sentido cristão, a linguagem da caridade evangélica; estabelece, contudo, uma exigência de verdade e de retidão sem a qual nenhuma vida espiritual sólida pode elevar-se.

Buda, por sua vez, aparece como o mestre da consciência pacificada. Seu ensinamento parte da experiência do sofrimento, da impermanência e do apego. Ele esclarece os mecanismos pelos quais o desejo, a ignorância e a avidez mantêm a inquietação do ser. Propõe um caminho de lucidez, domínio de si, desapego, compaixão e paz interior. Nisso, oferece à humanidade uma sabedoria profunda, voltada para a cura interior e para a libertação das causas do sofrimento.

No quadro deste livro, Buda pode ser apresentado como uma grande voz de purificação. Ele recorda que o ser humano traz em si uma parte importante de suas próprias cadeias. Convida a velar pelos movimentos do coração e do espírito. Ensina a compaixão, a disciplina interior, a sobriedade do desejo e a paz conquistada sobre a agitação íntima. Traz, assim, uma luz muito preciosa sobre o trabalho da alma sobre si mesma.

Jesus, porém, abre um horizonte de outra amplitude ainda. Ele aparece como o mestre da consciência transfigurada pelo amor. Nele, a transformação interior assume a forma de uma relação viva com Deus, de uma lei de amor que abraça a existência inteira, de um perdão que alcança até aqueles que nos ofenderam, de uma caridade que faz do próximo um irmão, de uma humildade que se traduz em serviço, de uma luz moral que se entrega a si mesma até o fim. Onde Sócrates interroga, onde Buda apazigua, Jesus levanta, ilumina, consola e chama a amar.

Essa diferença é decisiva. Sócrates ilumina a consciência pelo questionamento e pela retidão. Buda a ilumina pela lucidez e pela purificação. Jesus a ilumina pelo amor vivido como lei suprema, pela paternidade divina, pela fraternidade universal e pelo poder de transformação do coração. Ele reorienta toda a vida para uma comunhão mais profunda com Deus e com os outros seres.

Mostramos ao longo deste livro que o espiritismo encontra no Cristo seu eixo de luz, seu princípio de soerguimento, sua medida moral e sua orientação interior. A aproximação com Sócrates e Buda permite fazer sobressair melhor essa singularidade. Ela mostra que o Cristo não apaga as outras luzes; ilumina-as numa perspectiva mais alta. Não nega a exigência socrática de verdade, nem o trabalho búdico de purificação; ultrapassa-os e os cumpre numa lei de amor que envolve o ser inteiro.

Numa leitura espírita, essa comparação torna-se particularmente fecunda. O espiritismo reconhece o valor das grandes intuições morais e espirituais semeadas na história humana. Pode, assim, contemplar Sócrates como uma grande consciência filosófica, Buda como uma grande consciência de purificação interior e Jesus como a consciência mais alta oferecida ao nosso mundo. Podemos, desse modo, reconhecer a luz onde ela se manifesta, conservando ao Cristo seu lugar incomparável.

O espiritismo encontra mesmo nessa aproximação uma pedagogia útil. Sócrates recorda ao pesquisador espírita que ele deve desconfiar do orgulho intelectual, examinar seus pensamentos e

purificar sua busca. Buda lhe recorda que nenhuma vida espiritual séria se constrói sem vigilância interior, sem esforço sobre si, sem domínio dos desejos que perturbam a alma, sem compaixão para com os seres. Jesus lhe recorda que todo conhecimento recebe seu cumprimento na caridade, que toda luz deve tornar-se bondade e que toda elevação verdadeira se reconhece na qualidade do amor vivido.

Poder-se-ia dizer, assim, que Sócrates ensina o homem a conhecer-se, Buda a purificar-se e Jesus a doar-se. O primeiro retifica a inteligência moral. O segundo trabalha a paz interior. O terceiro abre o coração à lei divina do amor. Esses três mestres de vida formam então, para nós, uma ascensão: da consciência examinada à consciência pacificada e, depois, da consciência pacificada à consciência iluminada pela caridade.

Essa ascensão permite também compreender melhor por que o Cristo permanece o centro deste livro. Pois a questão é discernir qual luz fala mais diretamente à vocação espiritual que o espiritismo procura servir. Ora, o espiritismo, tal como foi apresentado ao longo destas páginas, reconhece-se numa lei moral que converge para o Cristo com uma nitidez particular. Allan Kardec o recorda quando mostra que a moral dos Espíritos superiores se resume como a do Cristo e quando afirma que o espiritismo facilita a inteligência e a prática dessa moral. A caridade aí aparece como centro, medida e caminho. Nisso, a comparação com Sócrates e Buda conduz menos a relativizar o Cristo do que a compreendê-lo melhor. Ajuda a vê-lo como a forma mais alta da verdade moral tornada vida humana.

O Cristo permanece, portanto, na perspectiva espírita, o revelador supremo da lei de amor para a nossa Terra. É nele que a verdade se torna misericórdia, a pureza se torna serviço e a luz se torna levantamento das almas. Ele chama o homem a uma transformação mais completa, mais fraterna e mais radiante, porque coloca no centro não apenas a verdade ou a paz, mas o amor vivo.

Assim, a aproximação entre Sócrates, Buda e Jesus alarga nossa perspectiva. Ela mostra que a humanidade recebeu, em tempos e lugares diferentes, grandes vozes de despertar e de soerguimento. Ajuda também a discernir melhor o que faz a singularidade do Cristo na luz espírita: uma palavra que ilumina e recria interiormente; uma lei que vivifica; uma presença que levanta, consola e transforma.

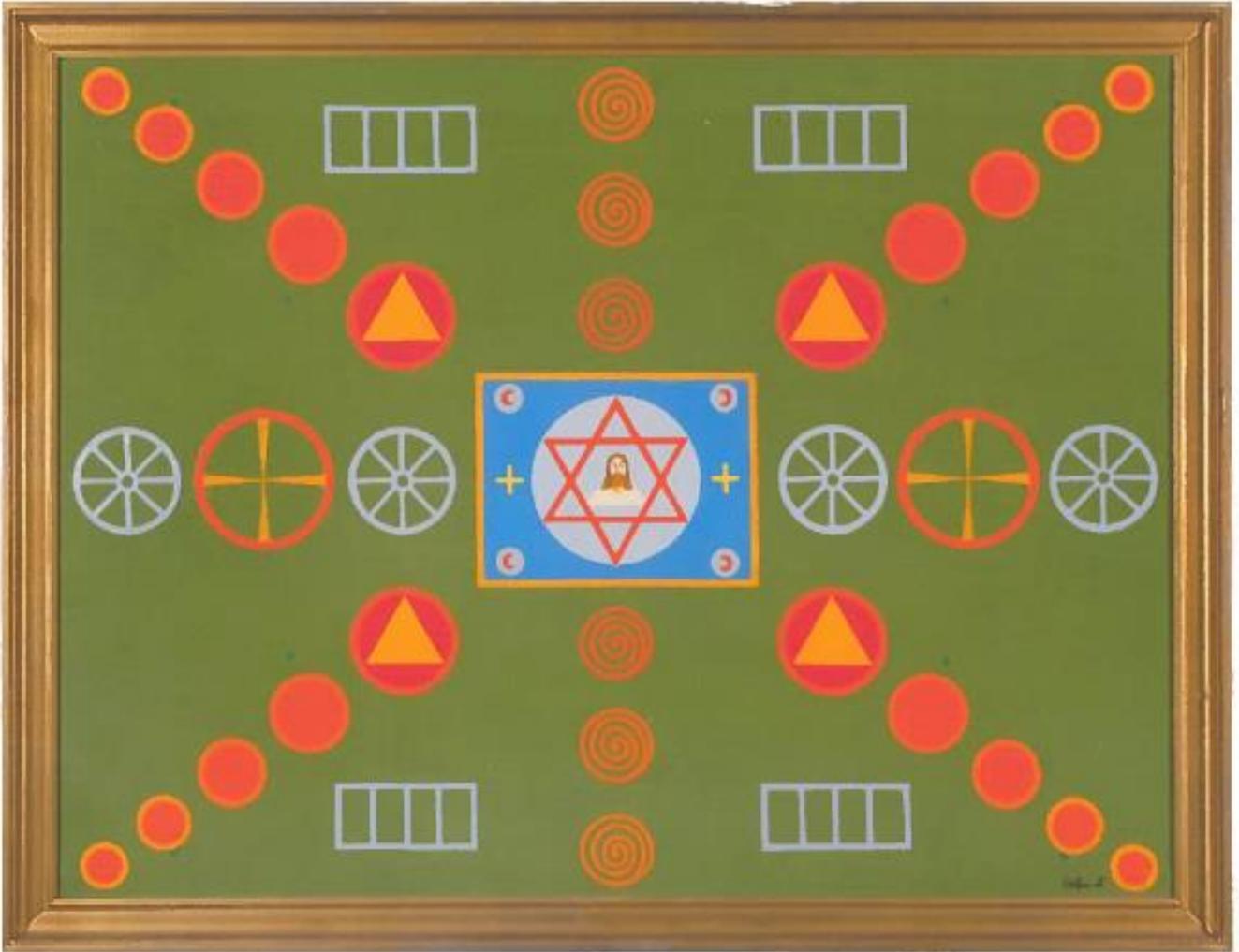
Podemos então prosseguir o caminho com uma consciência mais ampla. Podemos reconhecer a parcela de luz semeada na história humana. Podemos também voltar ao Cristo com uma inteligência mais profunda, uma admiração mais recolhida e um desejo mais sincero de viver segundo sua lei. Pois este é, no fundo, o fruto esperado deste capítulo: comparar para discernir melhor; compreender melhor aquilo que, na luz do Cristo, dá ao espiritismo seu centro vivo.

Após essa aproximação entre três grandes figuras do despertar moral e espiritual, o percurso pode regressar a uma palavra mais diretamente crística, mais interior e mais inspirada. Luzes na noite dos tempos convida-nos então a entrar mais profundamente no apelo vivo do Cristo à consciência humana.

Referências bibliográficas do capítulo VI

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, especialmente as questões 621, 625 e 886, pela lei divina inscrita na consciência, pelo lugar do Cristo e pelo sentido da caridade.
- Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, particularmente os capítulos XV, XVII e XXIV, pela centralidade da caridade, da reforma interior e da luz moral.
- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução, pelo retorno ao núcleo vivo da ideia religiosa e pela superioridade moral do espírito do Cristo.
- Platão, Apologia de Sócrates.
- Platão, Fédon.
- Platão, Górgias.
- Textos budistas fundamentais, especialmente o Dhammapada.
- Frédéric Lenoir, Sócrates, Jesus, Buda. Três mestres de vida.



Union – 31/01/1976

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Capítulo VII: O livro do Cristo: “Luzes na noite dos tempos”

Entre os livros que se aproximam da figura do Cristo, alguns expõem uma doutrina, outros iluminam os textos, outros ainda acompanham a meditação. Luzes na noite dos tempos pertence a uma família mais rara: a dos livros que procuram alcançar ao mesmo tempo a inteligência, a consciência e a vida interior. Publicado pela Alliance Universelle em 1950, apresenta-se como uma mensagem crística transmitida por intermédio de um médium que permaneceu voluntariamente no anonimato, num espírito em que a discrição serve à primazia da mensagem. Desde suas primeiras páginas, o livro se oferece como uma palavra de soerguimento dirigida a todos os homens, num tempo ferido pela prova, pela incerteza e pela perda dos referenciais interiores.

O prefácio dá à obra sua tonalidade profunda. Evoca uma primeira difusão contrariada, depois um novo impulso recebido em 1945, convidando a difundir novamente esse texto. O livro aparece assim como uma palavra restaurada, oferecida a uma humanidade que busca uma luz mais estável, uma paz mais profunda e uma direção mais interior. Essa origem imprime ao conjunto uma gravidade particular. O leitor sente desde logo que entra num texto que quer consolar, despertar e reunir.

O primeiro movimento da obra assume a forma de um apelo universal do Cristo. Esse apelo se dirige a uma humanidade marcada pelo egoísmo, pelo sofrimento, pela dispersão das consciências e pelo enfraquecimento da vida espiritual. O texto recorda que o homem deixou escurecer em si “a parte de Deus” e que traz em si a necessidade de uma luz nova, de uma esperança mais forte, de uma paz mais viva e de um despertar moral. Luzes na noite dos tempos torna-se então um livro de contemplação e de reerguimento interior. Convida a reunir a paz, a fraternidade, o amor, a boa vontade, e a fazer da vida espiritual uma obra de transformação do mundo.

Esse acento se liga profundamente à tradição espírita mais elevada. Allan Kardec recorda, em O Evangelho segundo o Espiritismo, que o espiritismo facilita a inteligência e a prática da moral do Cristo, e que dá uma fé mais esclarecida àqueles que avançam com sinceridade. Léon Denis, em Cristianismo e Espiritismo, chama também a reencontrar o fundo vivo do Evangelho e a devolver à alma a luz, a esperança e a consciência de seu destino. O livro inspirado Luzes na noite dos tempos entra naturalmente nessa linha: chama menos a aderir a uma fórmula do que a abrir o ser a uma claridade interior e a uma transformação real da vida.

O tom da obra contribui muito para sua força. O Cristo ali fala como uma presença fraterna que chama, consola, ilumina e conduz. A palavra conserva um sopro profético, mas esse sopro permanece atravessado de doçura. O leitor encontra ali um convite à simplicidade, à verdade interior, à confiança e ao retorno ao essencial. Assim, o livro toca o coração tanto quanto a inteligência. Desperta uma consciência, reergue uma esperança, recoloca a alma em marcha para o bem. É nisso que conserva seu valor singular: ele não se contenta em informar, forma interiormente.

O segundo grande movimento do texto assume uma forma ainda mais íntima. O relato adota a primeira pessoa e se apresenta como a própria palavra de Jesus regressando à sua infância e à sua juventude. O leitor descobre então um Cristo próximo, encarnado, vivendo num quadro familiar concreto, sensível muito cedo à presença de Deus, voltado para a justiça, para a verdade e para o futuro serviço aos homens. Essa maneira de narrar dá ao livro um calor humano particular. Ela faz aparecer um ser habitado por uma luz superior, engajado num amadurecimento profundo que ilumina sob um dia novo sua missão.

Essa abordagem ressoa com o método de Kardec em Estudo sobre a natureza do Cristo. Kardec reconduz a reflexão aos atos e sobretudo às palavras de Jesus a fim de compreender melhor sua missão, seu lugar e a natureza de sua irradiação. Luzes na noite dos tempos avança num registro diferente, mais narrativo, mais interior, mais inspirado; no entanto, junta-se a esse mesmo desejo de aproximar o Cristo vivo, o Cristo interior, o Cristo apreendido por sua fidelidade ao Pai, sua missão e a pureza de sua orientação moral.

O relato põe particularmente em luz o despertar progressivo de Jesus para sua vocação. Nazaré, depois Jerusalém, tornam-se os lugares de um crescimento interior. O jovem Jesus recebe, observa, interroga, aprofunda. O Templo, os doutores da lei, figuras como José de Arimateia, acompanham esse caminho. O texto dá assim a ver uma consciência já elevada, já orientada para Deus e, no entanto, ainda a caminho para a plena inteligência de sua missão. Essa progressão dá ao livro uma tonalidade de verdade vivida e de proximidade espiritual que fala fortemente ao leitor em busca.

Um outro tema importante da obra reside em sua abertura para uma ciência espiritual antiga, voltada para a alma, a imortalidade, as comunicações invisíveis e as leis superiores da vida. O texto evoca, a esse respeito, uma tradição de conhecimento ligada aos mistérios do espírito e à cabala. Essa dimensão alarga o horizonte sem dispersar o centro. A seriedade moral, o despojamento interior, a busca sincera de Deus e o serviço da humanidade permanecem em primeiro plano. O conhecimento ali aparece como uma luz ordenada à elevação do ser, e não como um poder destinado a lisonjear o espírito humano.

Também aqui a proximidade com Léon Denis merece ser sublinhada. Em Cristianismo e Espiritismo, ele mostra que o cristianismo primitivo aproximava intensamente as duas humanidades, a terrestre e a celeste, e que a experiência espírita verdadeira esclarece a sobrevivência, a responsabilidade e o progresso. Luzes na noite dos tempos concorda com essa perspectiva ao abrir ao leitor um horizonte mais vasto, onde a ciência dos espíritos encontra seu sentido no crescimento moral, na purificação da alma e no aprofundamento da vida em Deus.

Na filiação espiritual do Institut Spirituel Psychosique, recebida de André Fardel e transmitida num espírito de estudo, recolhimento e seriedade moral, tal leitura também encontra seu justo lugar. Os documentos biográficos anexos recordam uma tradição em que a busca espiritual se une ao trabalho interior, à fidelidade aos predecessores e ao desejo de aliviar os sofrimentos humanos. Luzes na noite dos tempos pode assim ser abordado nesse mesmo espírito: como um livro de meditação, de luz e de soerguimento, acolhido com discernimento, com paz interior e com fidelidade à lei moral do Cristo.

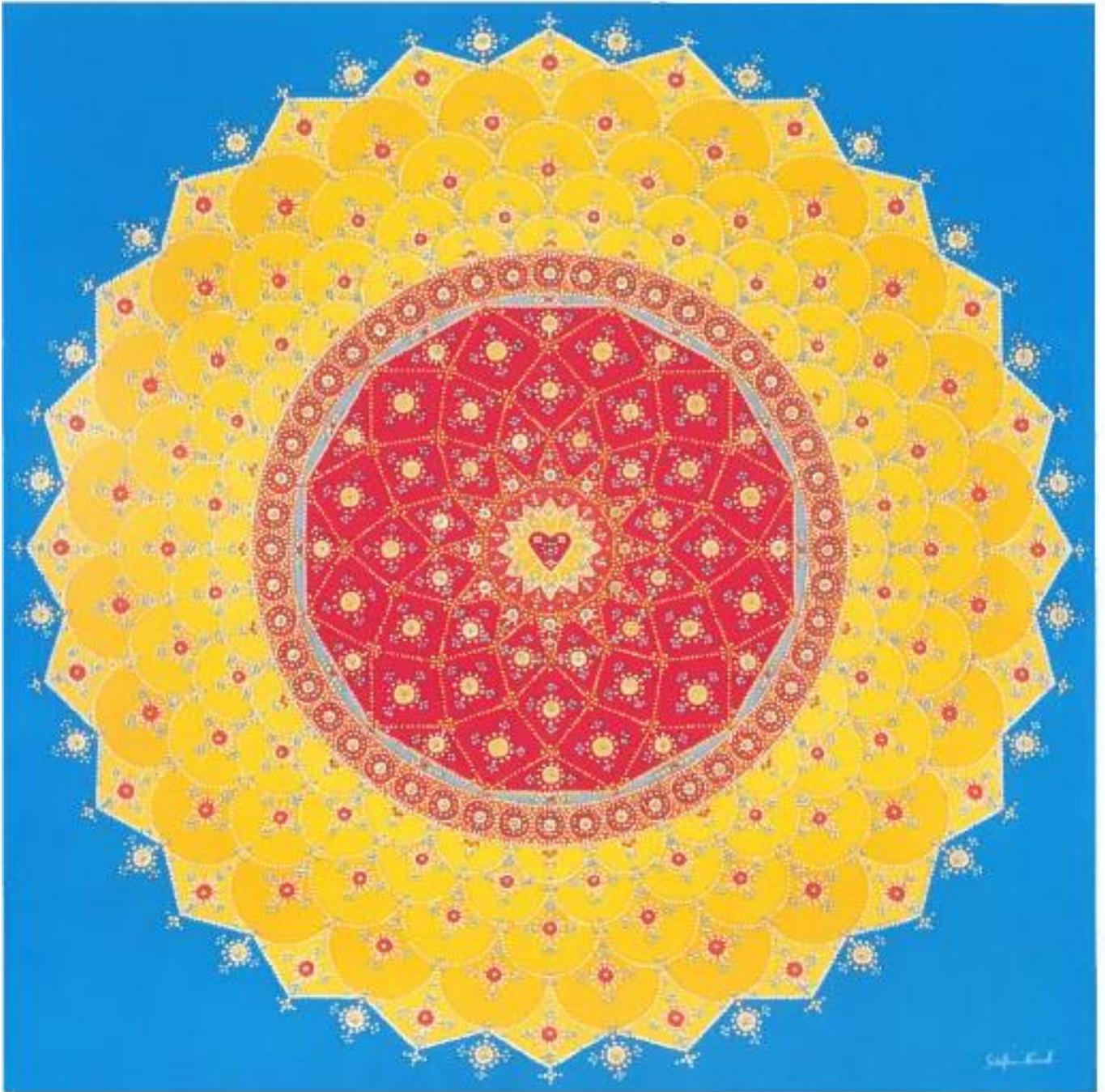
Assim, este livro reúne várias dimensões numa mesma respiração. É, antes de tudo, um apelo do Cristo à humanidade para restaurar a paz, a fraternidade e a luz interior. É depois um livro de consolação e de certeza, capaz de reanimar a esperança nas horas de escuridão. É, enfim, um relato espiritual sobre a juventude de Jesus, em que o despertar progressivo de sua missão se acompanha de uma abertura para uma compreensão mais profunda da alma e do mundo invisível. Essa unidade dá à obra seu lugar próprio: o de um texto de meditação, de soerguimento e de luz, que fala à consciência tanto quanto ao coração.

O resumo proposto aqui oferece algumas referências. Ele prepara sobretudo um encontro. Pois Luzes na noite dos tempos ganha a ser lido com lentidão, com recolhimento e com abertura do coração. O leitor descobrirá nele uma palavra fervorosa, uma presença do Cristo que ilumina e levanta, e um convite a deixar crescer em si uma vida interior mais simples, mais fraterna e mais luminosa.

Referências bibliográficas do capítulo VII

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Luzes na noite dos tempos, Alliance Universelle, 1950. Obra principal do capítulo, utilizada aqui a partir da página de título, do prefácio e das páginas do relato.
- Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, em particular: “Os bons espíritos” e “Não acrediteis em todos os Espíritos”.
- Allan Kardec, Estudo sobre a natureza do Cristo, para o retorno às palavras e à missão de Jesus.
- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução, e passagens sobre a aproximação entre o mundo visível e o invisível no cristianismo primitivo.
- André Fardel: Psychoses, Que sommes-nous, où allons-nous, disponível para download no site do instituto: <https://www.spiritualiste.fr/les-livres-de-l-institut>



Mon Amour est lumière et sans limite - 22/05/1999

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Conclusão geral

Ao termo destas páginas, uma luz se impõe com maior calma, profundidade e unidade: o espiritismo atinge sua verdadeira altura quando conduz a alma ao Cristo, à lei moral, à responsabilidade pessoal, à caridade viva e a uma compreensão mais fraterna do destino humano.

Este livro avançou como quem segue uma claridade através da noite. Procurou voltar ao Cristo, não para repetir fórmulas gastas pelo hábito, mas para reencontrar uma presença viva, uma palavra que julga, ilumina, consola e ergue. Procurou, sob os depósitos acumulados pelos séculos, a própria fonte de seu ensinamento, a pureza de seu apelo e a força de transformação que ele oferece à consciência humana.

O primeiro movimento desta reflexão mostrou que o Cristo permanece, no espiritismo, o centro moral, o guia interior, a medida do progresso e o lar vivo da lei de amor. O espiritismo recebe dele sua direção mais alta. Encontra em sua palavra a orientação da consciência, em seu exemplo a forma consumada da vida espiritual e em sua caridade a verdade profunda da existência.

A meditação sobre a natureza do Cristo levou então o olhar ainda mais longe. Dirigiu-o para essa altura de alma em que a luz se torna transparência, o amor se torna força e a fidelidade a Deus se torna presença atuante entre os homens. Jesus aparece ali como o ser mais elevado oferecido à nossa Terra, como uma consciência tão puramente afinada com a lei divina que toda a sua vida se torna revelação. Sua grandeza não reside no brilho dos sistemas; ela irradia na soberania moral, na doçura forte, na misericórdia e na verdade vivida até o fim.

O capítulo dedicado a O Evangelho segundo o Espiritismo recordou com particular clareza que o Cristo fala, antes de tudo, ao homem interior. Ali ele aparece como um mestre a seguir, uma lei a viver, uma verdade a encarnar. Ali a caridade, o perdão, a humildade, a doçura, o serviço e a reforma íntima se reúnem em torno dele como em torno de sua fonte. O espiritismo revela-se então como um auxílio oferecido à alma para que compreenda melhor e pratique melhor a moral evangélica, para que a luz do texto passe para a verdade da vida.

A reflexão sobre a religião abriu outro espaço de profundidade. O espiritismo aparece ali como um caminho de busca, maturação interior e luz. Acolhe a inteligência sem esfriar o coração. Honra o estudo sem perder o sentido do recolhimento. Fortalece a consciência, ilumina o destino e recorda a justiça divina, a sobrevivência da alma, o progresso do ser e a fraternidade universal. Assim, toca a religião em seu centro mais vivo: onde a alma busca Deus na verdade, no amor e no progresso.

A adição do capítulo dedicado às outras religiões dá ao conjunto uma amplitude ainda mais vasta. Ela recorda que toda a humanidade traz a marca de uma mesma busca. Sob a diversidade das línguas, dos ritos, das doutrinas e das tradições, as religiões testemunham a mesma necessidade de luz, o mesmo desejo de justiça, a mesma aspiração a elevar-se acima do sofrimento, da ignorância e da

noite interior. O espiritismo pode reconhecer nesses caminhos múltiplos sementes de verdade, esforços da alma em direção ao bem e chamados à purificação, à oração, à compaixão e à fidelidade interior.

Esse reconhecimento não dispersa o centro do livro; ele o engrandece. Pois quanto mais a alma aprende a discernir a luz semeada na história religiosa da humanidade, mais compreende o que o Cristo representa para o nosso mundo. Ele permanece a revelação mais pura da lei de amor sobre a Terra. Permanece o centro vivo em torno do qual a consciência espírita ordena sua compreensão, sua fidelidade moral e sua esperança. Assim, a abertura fraterna às outras tradições se harmoniza com uma fidelidade mais consciente ao Cristo.

O capítulo dedicado a Luzes na noite dos tempos trouxe então uma tonalidade mais recolhida, mais fervorosa e mais consoladora. Esse texto inspirado faz ouvir uma palavra do Cristo dirigida a uma humanidade ferida, ansiosa e dispersa. Chama-a a reencontrar a paz, a luz interior, a esperança e a fraternidade. Apresenta um Cristo próximo, vivo, íntimo, falando à consciência com um calor particular. Sua presença nesta obra deu ao percurso uma nota de meditação ardente e de soerguimento interior.

Assim, todos os capítulos se reúnem num mesmo fôlego. O espiritismo ilumina o Cristo. O Cristo dá ao espiritismo sua medida mais alta. As religiões da humanidade carregam, cada uma segundo seu próprio gênio, uma parte da longa aspiração da alma para Deus. E a vida interior recebe sua verdade no progresso moral, na caridade, na consciência e na abertura à luz.

Este livro pertence também a uma história mais vasta do que qualquer empreendimento individual. Ele nasce de uma filiação, de uma transmissão, de um companheirismo espiritual e de um trabalho interior levado adiante com fidelidade. Pertence a um espírito de estudo, de seriedade, de simplicidade e de serviço. Deseja tomar seu lugar nesse labor discreto que procura menos brilhar do que ajudar, menos impor do que iluminar, menos dominar do que servir.

Foi, portanto, escrito em um espírito de recolhimento e de busca sincera. Não pretende encerrar a verdade em palavras definitivas. Procura abrir um caminho de meditação, estudo, consciência e luz. Deseja oferecer ao leitor alguns marcos para compreender mais profundamente o destino, aprofundar a fé e unir mais intimamente o Cristo, o espiritismo, a lei moral e a fraternidade humana.

O mundo moderno possui muitos saberes, muitos poderes, muitos meios de ação. Ele pede também uma luz mais interior, uma sabedoria mais estável, uma consciência mais pura e uma caridade mais atuante. Nessa expectativa, o Cristo permanece necessário. Permanece presença de verdade, de misericórdia, de soerguimento e de esperança. O espiritismo, quando permanece fiel à sua vocação mais pura, ajuda a ouvir essa presença, a reconhecer seu alcance e a deixá-la passar para a vida.

Tudo volta, portanto, a isto: deixar crescer em si a luz, avançar na consciência, servir na caridade, reconhecer a parcela de verdade que Deus permitiu brilhar através da história religiosa da humanidade e consentir que o Cristo se torne em nós uma força viva de transformação.

Porque o Cristo permanece o apelo mais puro dirigido à alma humana.

O espiritismo pode ajudar a ouvir esse apelo mais profundamente.

Pode ajudar a compreendê-lo com mais clareza.

Pode, sobretudo, ajudar a responder-lhe com mais sinceridade, mais humildade, mais fraternidade e mais amor.

E, se este livro puder contribuir, ainda que fracamente, para esse soerguimento interior, para essa fidelidade mais consciente e para essa caridade mais viva, então terá encontrado seu lugar: um lugar simples, um lugar fraterno, um lugar de luz.

Referências bibliográficas da conclusão

As referências abaixo indicam os principais apoios do capítulo. Quando a referência precisa não pôde ser verificada com certeza nos documentos fornecidos, a obra é indicada como referência geral ou como fonte de inspiração.

- Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, questões 625, 627 e 886.
- Allan Kardec, Estudo sobre a natureza do Cristo, sobretudo o retorno à parte moral do ensinamento do Cristo.
- Allan Kardec, O Evangelho segundo o Espiritismo, capítulos XV e XVII.
- Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, Introdução.
- Luzes na noite dos tempos, referência geral de inspiração espiritual.



Paix, Amour - 15/08/1988

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr

Tabela de correspondência: referências bibliográficas por capítulo

A tabela abaixo não pretende substituir um aparato crítico completo. Ela oferece ao leitor as remissões mais seguras que as referências fornecidas permitem estabelecer.

Capítulo do livro	Obra principal	Capítulo / seção identificável
I. Cristo, luz interior do espiritismo	O Livro dos Espíritos; Estudo sobre a natureza do Cristo	Q. 625; q. 886; “Fonte das provas sobre a natureza do Cristo”
II. A natureza do Cristo	Estudo sobre a natureza do Cristo	“A divindade do Cristo é provada pelos milagres?”; “A divindade de Jesus é provada por suas palavras?”; “Opinião dos Apóstolos”; “Filho de Deus e Filho do homem”
III. O Cristo em O Evangelho segundo o Espiritismo	O Evangelho segundo o Espiritismo	cap. VI; XI; XII; XV; XVII; XXIV
IV. O espiritismo é uma religião?	Léon Denis: Cristianismo e Espiritismo; Discurso de Camille Flammarion	Introdução; passagens sobre a crise religiosa; discurso sobre o interesse científico e filosófico
V. O espiritismo e as outras religiões	<ul style="list-style-type: none"> • Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo, • Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo • Camille Flammarion, discurso sobre Allan Kardec 	<p>questões 621, 625 e 886</p> <p>os capítulos XV, XVII e XXIV</p> <p>Introdução, para a leitura interior das religiões e o retorno ao núcleo vivo da ideia religiosa.</p>

Capítulo do livro	Obra principal	Capítulo / seção identificável
VI. Sócrates, Buda, Jesus	<ul style="list-style-type: none"> • Allan Kardec, O Livro dos Espíritos, O Evangelho segundo o Espiritismo • Léon Denis, Cristianismo e Espiritismo, • Platão, Apologia de Sócrates, Fédon, Górgias. 	<p>questões 621, 625 e 886</p> <p>capítulos XV, XVII e XXIV</p> <p>Introdução</p>
VII. O livro do Cristo: Luzes na noite dos tempos	<p>Luzes na noite dos tempos, Alliance Universelle, 1950.</p> <p>O Evangelho segundo o Espiritismo</p> <p>Estudo sobre a natureza do Cristo</p> <p>Léon Denis: Cristianismo e Espiritismo</p> <p>André Fardel: Psychoses, Que sommes-nous, où allons-nous</p>	<p>“Os bons espíritos”</p> <p>“Não acrediteis em todos os Espíritos”</p> <p>O retorno às palavras e à missão de Jesus.</p> <p>Introdução, e passagens sobre a aproximação entre o mundo visível e o invisível no cristianismo primitivo.</p>
Conclusão geral	<p>O Livro dos Espíritos;</p> <p>O Evangelho segundo o Espiritismo;</p> <p>Cristianismo e Espiritismo</p>	<p>Q. 625; q. 627; q. 886;</p> <p>ch. XV;</p> <p>ch. XVII;</p> <p>Introdução</p>

ANEXOS

Prolongamentos e aprofundamentos

Anexo 1 - O Cristo, eixo moral da revelação espírita

O espiritismo não coloca o Cristo na periferia de seu ensinamento moral: reconhece-o como seu ápice vivo para a humanidade terrestre. Em O Livro dos Espíritos, a moral dos Espíritos superiores é explicitamente aproximada da do Cristo, e se condensa nessa lei simples, universal e imperecível: fazer aos outros o que desejaríamos que nos fizessem, e abster-nos de fazer-lhes aquilo que não gostaríamos de sofrer nós mesmos. Assim, desde seu princípio ético mais puro, a filosofia espírita apresenta-se como um caminho de responsabilidade, de fraternidade e de retidão interior, em continuidade com o Evangelho.

Essa continuidade não é apenas moral; ela é doutrinária em seu espírito mais essencial. O espiritismo apoia-se na imortalidade da alma, na justiça de Deus, no livre-arbítrio do homem, nas consequências morais da vida, nas penas e recompensas futuras e no valor central do ensinamento do Cristo. Ele busca reencontrar sua força viva, livre das rigidezes, das obscuridades e dos acréscimos que por vezes recobriram sua fonte primeira.

O Livro dos Espíritos faz também aparecer um outro traço profundamente crístico: o dever de transmissão. Instruir, elevar, iluminar os irmãos, colocar a inteligência a serviço de outrem, isso não é apenas uma tarefa social ou pedagógica; é uma obra espiritual. O saber, quando não é colocado a serviço do soerguimento moral, permanece incompleto. Ao contrário, toda luz partilhada torna-se uma participação na obra do Cristo no mundo, porque ajuda uma consciência a reerguer-se, a compreender e a viver melhor.

Enfim, a filosofia espírita lembra que não basta dizer-se inspirado para estar na verdade. Os falsos profetas existem, as falsas grandezas também. É por isso que o discernimento ocupa nela um lugar tão importante. Não se julga um espírito pelo brilho de suas pretensões nem pela sedução de suas palavras, mas pela qualidade moral do que produz. A árvore se reconhece por seus frutos.

Essa regra de discernimento, que o espiritismo retoma com força, une-se diretamente ao ensinamento evangélico: a verdade espiritual jamais se separa da humildade, da caridade e da retidão.

Trechos de O Livro dos Espíritos, edição 6:

Lugar do Cristo no Espiritismo

LE Página 15 :

« La morale des Esprits supérieurs se résume comme celle du Christ en cette maxime évangélique : Agir envers les autres comme nous voudrions que les autres agissent envers nous-mêmes ; c'est-à-dire faire le bien et ne point faire le mal. L'homme trouve dans ce principe la règle universelle de conduite pour ses moindres actions. »

LE Página 128 :

Puisque Jean-Baptiste était Élie, il y a donc eu réincarnation de l'Esprit ou de l'âme d'Élie dans le corps de Jean-Baptiste. Quelle que soit, du reste, l'opinion que l'on se fasse de la réincarnation, qu'on l'accepte ou qu'on ne l'accepte pas, il n'en faut pas moins la subir si elle existe, nonobstant toute croyance contraire ; le point essentiel, c'est que l'enseignement des Esprits est éminemment Chrétien ; il s'appuie de l'immortalité de l'âme, les peines et les récompenses futures, la justice de Dieu, le libre arbitre de l'homme, la morale du Christ ; donc il n'est pas antireligieux.

LE Página 217 :

« Hommes instruits, instruisez ; hommes de talents, élevez vos frères. Vous ne savez pas quelle œuvre vous accomplissez ainsi : c'est celle du Christ, celle que Dieu vous impose. Pourquoi Dieu vous a-t-il donné l'intelligence et la science, si ce n'est pour en faire part à vos frères, pour les avancer dans la voie du bonheur et de la félicité éternelle ? » SAINT LOUIS, SAINT AUGUSTIN.

LE Página 269 :

665. Que penser de l'opinion qui rejette la prière pour les morts, par la raison qu'elle n'est pas prescrite dans l'Évangile ?

« Le Christ a dit aux hommes : Aimez-vous les uns les autres. Cette recommandation renferme celle d'employer tous les moyens possibles de leur témoigner de l'affection, sans entrer pour cela dans aucun détail de la manière d'atteindre ce but. S'il est vrai que rien ne peut détourner le Créateur d'appliquer la justice, dont il est le type, à toutes les actions de l'Esprit, il n'en est pas moins vrai que la prière que vous lui adressez pour celui qui vous inspire de l'affection est pour lui un témoignage de souvenir qui ne peut que contribuer à alléger ses souffrances et le consoler. Dès qu'il témoigne le moindre repentir, et alors seulement, il est secouru ; mais on ne lui laisse jamais ignorer qu'une âme sympathique s'est occupée de lui, et on lui laisse la douce pensée que son intercession lui a été utile.

Il en résulte nécessairement de sa part un sentiment de reconnaissance et d'affection pour celui qui lui a donné cette preuve d'attachement ou de pitié ; par conséquent, l'amour que recommandait le Christ aux hommes n'a fait que s'accroître entre eux ; ils ont donc tous deux obéi à la loi d'amour et d'union de tous les êtres, loi divine qui doit amener l'unité, but et fin de l'Esprit. »

LE Página 271

Le christianisme, en venant éclairer le monde de sa lumière divine, n'a pu détruire une chose qui est dans la nature, mais il a fait reporter l'adoration vers celui à qui elle appartient. Quant aux Esprits, leur souvenir s'est perpétué sous divers noms, selon les peuples, et leurs manifestations, qui n'ont jamais cessé, ont été diversement interprétées, et souvent exploitées sous l'empire du mystère ; tandis que la religion y a vu des phénomènes miraculeux, les incrédules y ont vu de la jonglerie. Aujourd'hui, grâce à une étude plus sérieuse, faite au grand jour, le spiritisme, dégagé des idées superstitieuses qui l'ont obscurci pendant des siècles, nous révèle un des plus grands et des plus sublimes principes de la nature.

LE Página 311 :

Les idées ne se transforment qu'à la longue, et jamais subitement ; elles s'affaiblissent de génération en génération et finissent par disparaître peu à peu avec ceux qui les professaient, et qui sont remplacés par d'autres individus imbus de nouveaux principes, comme cela a lieu pour les idées politiques. Voyez le paganisme ; il n'est certes personne aujourd'hui qui professe les idées religieuses de ces temps-là ; cependant, plusieurs siècles après l'avènement du christianisme, elles ont laissé des traces que la complète rénovation des races a seule pu effacer. Il en sera de même du spiritisme ; il fait beaucoup de progrès ; mais il y aura encore pendant deux ou trois générations un levain d'incrédulité que le temps seul dissipera. Toutefois sa marche sera plus rapide que celle du christianisme, parce que c'est le christianisme lui-même qui lui ouvre les voies et de lequel il s'appuie. Le christianisme avait à détruire ; le spiritisme n'a qu'à édifier.

LE Página 312 :

802. Puisque le spiritisme doit marquer un progrès dans l'humanité, pourquoi les Esprits ne hâtent-ils pas ce progrès par des manifestations tellement générales et tellement patentes que la conviction serait portée chez les plus incrédules ?

« Vous voudriez des miracles ; mais Dieu les sème à pleines mains sous vos pas, et vous avez encore des hommes qui le renient. Le Christ lui-même a-t-il convaincu ses contemporains par les prodiges qu'il a accomplis ? Ne voyez-vous pas aujourd'hui des hommes nier les faits les plus patents qui se passent sous leurs yeux ? N'en avez-vous pas qui disent qu'ils ne croiraient pas quand même ils

verraient ? Non ; ce n'est pas par des prodiges que Dieu veut ramener les hommes ; dans sa bonté, il veut leur laisser le mérite de se convaincre par la raison. »

LE Página 411 :

Les Esprits, disent certaines personnes, nous enseignent-ils une morale nouvelle, quelque chose de supérieur à ce qu'a dit le Christ ?

Si cette morale n'est autre que celle de l'Évangile, à quoi bon le spiritisme ?

Ce raisonnement ressemble singulièrement à celui du calife Omar parlant de la bibliothèque d'Alexandrie : « Si elle ne contient, disait-il, que ce qu'il y a dans le Coran, elle est inutile, donc il faut la brûler ; si elle renferme autre chose, elle est mauvaise, donc il faut encore la brûler. »

Non, le spiritisme ne renferme pas une morale différente de celle de Jésus ; mais nous demanderons à notre tour si, avant le Christ, les hommes n'avaient pas la loi donnée par Dieu à Moïse ? Sa doctrine ne se trouve-t-elle pas dans le Décalogue ? Dira-t-on, pour cela, que la morale de Jésus était inutile ?

Nous demanderons encore à ceux qui dénie l'utilité de la morale spirite, pourquoi celle du Christ est si peu pratiquée, et pourquoi, ceux-là mêmes qui en proclament à juste titre la sublimité sont les premiers à violer la première de ses lois : La charité universelle.

Les Esprits viennent non seulement la confirmer, mais ils nous en montrent l'utilité pratique ; ils rendent intelligibles et patentes des vérités qui n'avaient été enseignées que sous la forme allégorique ; et à côté de la morale, ils viennent définir les problèmes les plus abstraits de la psychologie.

Jésus est venu montrer aux hommes la route du vrai bien ; pourquoi Dieu, qui l'avait envoyé pour rappeler sa loi méconnue, n'enverrait-il pas aujourd'hui les Esprits pour la leur rappeler de nouveau et avec plus de précision, alors qu'ils l'oublient pour tout sacrifier à l'orgueil et à la cupidité ?

Qui oserait poser des bornes à la puissance de Dieu et lui tracer ses voies ?

Qui dit que, comme l'affirment les Esprits, les temps prédits ne sont pas accomplis, et que nous ne touchons pas à ceux où des vérités mal comprises ou faussement interprétées doivent être ostensiblement révélées au genre humain pour hâter son avancement ?

N'y a-t-il pas quelque chose de providentiel dans ces manifestations qui se produisent simultanément de tous les points du globe ?

Ce n'est pas un seul homme, un prophète qui vient nous avertir, c'est de partout que la lumière surgit ; c'est tout un monde nouveau qui se déroule à nos yeux. Comme l'invention du microscope nous a découvert le monde des infiniment petits que nous ne soupçonnions pas ; comme le télescope nous a découvert les milliers de mondes que nous ne soupçonnions pas davantage, les communications spirites nous révèlent le monde invisible qui nous entoure, nous coudoie sans cesse, et prend à notre insu part à tout ce que nous faisons. Quelque temps encore, et l'existence de ce monde, qui est celui

qui nous attend, sera aussi incontestable que celle du monde microscopique et des globes perdus dans l'espace.

N'est-ce donc rien que de nous avoir fait connaître tout un monde ; de nous avoir initiés aux mystères de la vie d'outre-tombe ? Il est vrai que ces découvertes, si l'on peut y donner ce nom, contrarient quelque peu certaines idées reçues ; mais est-ce que toutes les grandes découvertes scientifiques n'ont pas également modifié, bouleversé même les idées les plus accréditées, et n'a-t-il pas fallu que notre amour-propre se courbât devant l'évidence ? Il en sera de même à l'égard du spiritisme et, avant peu, il aura droit de cité parmi les connaissances humaines.

Anexo 2 - O Cristo em O Evangelho segundo o Espiritismo

Se existe uma obra em que o espiritismo retorna explicitamente ao coração moral do cristianismo, é precisamente O Evangelho segundo o Espiritismo.

Ali o Cristo é abordado como guia interior das consciências, mestre da transformação moral e foco vivo em torno do qual se ordenam as virtudes essenciais: a caridade, o perdão, a doçura, a humildade, a justiça, a misericórdia e a esperança.

A originalidade da abordagem espírita consiste em ajudar a alma moderna a ouvir melhor a palavra de Jesus. Esse retorno ao Evangelho passa por um duplo esforço: purificar a compreensão dos textos e recordar sem cessar que a verdade do Cristo se mede menos pelo que se afirma sobre ele do que pelo que se vive por ele. A espiritualidade autêntica não está na repetição, mas na encarnação moral.

Nessa luz, os ensinamentos de Jesus retomam todo o seu relevo. Amar o próximo é uma disciplina da alma. Perdoar é uma vitória sobre a cadeia do mal. Ser humilde é manter-se verdadeiro diante de Deus. Ser caridoso é compreender, servir, levantar e consolar.

O Evangelho segundo o Espiritismo faz assim do Cristo o princípio de uma reforma íntima.

Trechos de O Evangelho segundo o Espiritismo, 3ª edição LMSF:

Jesus Cristo e o Espiritismo

PREFACE du livre :

« Les Esprits du Seigneur, qui sont les vertus des cieux, comme une immense armée qui s'ébranle dès qu'elle en a reçu le commandement, se répandent de toute la surface de la terre ; semblables à des étoiles qui tombent du ciel, ils viennent éclairer la route et ouvrir les yeux des aveugles.

Je vous le dis en vérité, les temps sont arrivés où toutes choses doivent être rétablies dans leur sens véritable pour dissiper les ténèbres, confondre les orgueilleux et glorifier les justes.

Les grandes voix du ciel retentissent comme le son de la trompette, et les chœurs des anges s'assemblent. Hommes, nous vous convions au divin concert ; que vos mains saisissent la lyre; que vos voix s'unissent, et qu'en un hymne sacré elles s'étendent et vibrent d'un bout de l'univers à l'autre.

Hommes, frères que nous aimons, nous sommes près de vous ; aimez-vous aussi les uns les autres, et dites du fond de votre cœur, en faisant les volontés du Père qui est au ciel :

« Seigneur ! Seigneur ! » et vous pourrez entrer dans le royaume des cieux.

L'ESPRIT DE VERITE.

NOTA. L'instruction ci-dessus, transmise par voie médianimique, résume à la fois le véritable caractère du Spiritisme et le but de cet ouvrage ; c'est pourquoi elle est placée ici comme préface.

INTRODUCTION du livre : « IV. SOCRATE ET PLATON PRECURSEURS DE L'IDEE CHRETIENNE ET DU SPIRITISME

De ce que Jésus a dû connaître la secte des Esséniens, on aurait tort d'en conclure qu'il y a puisé sa doctrine, et que, s'il eût vécu dans un autre milieu, il eût professé d'autres principes. Les grandes idées n'éclatent jamais subitement ; celles qui ont pour base la vérité ont toujours des précurseurs qui en préparent partiellement les voies ; puis, quand le temps est venu, Dieu envoie un homme avec mission de résumer, coordonner et compléter ces éléments épars, et d'en former un corps ; de cette façon l'idée, n'arrivant pas brusquement, trouve, à son apparition, des esprits tout disposés à l'accepter. Ainsi en a-t-il été de l'idée chrétienne, qui a été pressentie plusieurs siècles avant Jésus et les Esséniens, et dont Socrate et Platon ont été les principaux précurseurs.

Socrate, de même que Christ, n'a rien écrit, ou du moins n'a laissé aucun écrit ; comme lui, il est mort de la mort des criminels, victime du fanatisme, pour avoir attaqué les croyances reçues, et mis la vertu réelle au-dessus de l'hypocrisie et du simulacre des formes, en un mot pour avoir combattu les préjugés religieux. Comme Jésus fut accusé par les Pharisiens de corrompre le peuple par ses enseignements, lui aussi fut accusé par les Pharisiens de son temps, car il y en a eu à toutes les époques, de corrompre la jeunesse, en proclamant le dogme de l'unité de Dieu, de l'immortalité de l'âme et de la vie future. De même encore que nous ne connaissons la doctrine de Jésus que par les écrits de ses disciples, nous ne connaissons celle de Socrate que par les écrits de son disciple Platon. Nous croyons utile d'en résumer ici les points les plus saillants pour en montrer la concordance avec les principes du christianisme.

A ceux qui regarderaient ce parallèle comme une profanation, et prétendraient qu'il ne peut y avoir de parité entre la doctrine d'un païen et celle du Christ, nous répondrons que la doctrine de Socrate n'était pas païenne, puisqu'elle avait pour but de combattre le paganisme ; que la doctrine de Jésus, plus complète et plus épurée que celle de Socrate, n'a rien à perdre à la comparaison ; que la grandeur de la mission divine du Christ n'en saurait être amoindrie ; que d'ailleurs c'est de l'histoire qui ne peut être étouffée. L'homme est arrivé à un point où la lumière sort d'elle-même de dessous le boisseau ; il est mûr pour la regarder en face ; tant pis pour ceux qui n'osent ouvrir les yeux. Le temps est venu d'envisager les choses largement et d'en haut, et non plus au point de vue mesquin et rétréci des intérêts de sectes et de castes.

Ces citations prouveront en outre que, si Socrate et Platon ont pressenti l'idée chrétienne, on trouve également dans leur doctrine les principes fondamentaux du Spiritisme. »

« 5. Le spiritisme est la science nouvelle qui vient révéler aux hommes, par des preuves irrécusables, l'existence et la nature du monde spirituel, et ses rapports avec le monde corporel ; il nous le montre, non plus comme une chose surnaturelle, mais, au contraire, comme une des forces vives et incessamment agissantes de la nature, comme la source d'une foule de phénomènes incompris jusqu'alors et rejetés, par cette raison, dans le domaine du fantastique et du merveilleux. C'est à ces rapports que le Christ fait allusion en maintes circonstances, et c'est pourquoi beaucoup de choses qu'il a dites sont restées inintelligibles ou ont été faussement interprétées. Le spiritisme est la clef à l'aide de laquelle tout s'explique avec facilité.

6. La Loi de l'Ancien Testament est personnifiée dans Moïse ; celle du Nouveau Testament l'est dans le Christ ; le Spiritisme est la troisième révélation de la loi de Dieu, mais il n'est personnifié dans aucun individu, parce qu'il est le produit de l'enseignement donné, non par un homme, mais par les Esprits, qui sont les voix du ciel, de tous les points de la terre, et par une multitude innombrable d'intermédiaires ; c'est en quelque sorte un être collectif comprenant l'ensemble des êtres du monde spirituel, venant chacun apporter aux hommes le tribut de leurs lumières pour leur faire connaître ce monde et le sort qui les y attend.

7. De même que Christ a dit : « Je ne viens point détruire la loi, mais l'accomplir, » le spiritisme dit également : « Je ne viens point détruire la loi chrétienne, mais l'accomplir. » Il n'enseigne rien de contraire à ce qu'enseigne le Christ, mais il développe, complète et explique, en termes clairs pour tout le monde, ce qui n'avait été dit que sous la forme allégorique ; il vient accomplir, aux temps prédits, ce que Christ a annoncé, et préparer l'accomplissement des choses futures. Il est donc l'œuvre du Christ qui préside lui-même, ainsi qu'il l'a pareillement annoncé, à la régénération qui s'opère, et prépare le règne de Dieu de la terre. »

Página 36 : Instruction des esprits : l'ère nouvelle :

« Le Christ a été l'initiateur de la morale la plus pure, la plus sublime ; de la morale évangélique chrétienne qui doit rénover le monde, rapprocher les hommes et les rendre frères ; qui doit faire jaillir de tous les coeurs humains la charité et l'amour du prochain, et créer entre tous les hommes une solidarité commune ; d'une morale enfin qui doit transformer la terre, et en faire un séjour pour des Esprits supérieurs à ceux qui l'habitent aujourd'hui. C'est la loi du progrès, à laquelle la nature est soumise, qui s'accomplit, et le spiritisme est le levier dont Dieu se sert pour faire avancer l'humanité.

Les temps sont arrivés où les idées morales doivent se développer pour accomplir les progrès qui sont dans les desseins de Dieu ; elles doivent suivre la même route que les idées de liberté ont parcourue, et qui en étaient l'avant-coureur. Mais il ne faut pas croire que ce développement se fera sans luttes ; non, elles ont besoin, pour arriver à maturité, de secousses et de discussions, afin qu'elles attirent l'attention des masses ; une fois l'attention fixée, la beauté et la sainteté de la morale frapperont les esprits, et ils s'attacheront à une science qui leur donne la clef de la vie future et leur

ouvre les portes du bonheur éternel. C'est Moïse qui a ouvert la voie ; Jésus a continué l'œuvre ; le spiritisme l'achèvera. (UN ESPRIT ISRAELITE. Mulhouse, 1861.) »

Página 40 : La vie future :

« Le spiritisme est venu compléter en ce point, comme en beaucoup d'autres, l'enseignement du Christ, lorsque les hommes ont été mûrs pour comprendre la vérité. Avec le spiritisme, la vie future n'est plus un simple article de foi, une hypothèse ; c'est une réalité matérielle démontrée par les faits, car ce sont les témoins oculaires qui viennent la décrire dans toutes ses phases et dans toutes ses péripéties ; de telle sorte que non seulement le doute n'est plus possible, mais l'intelligence la plus vulgaire peut se la représenter sous son véritable aspect, comme on se représente un pays dont on lit une description détaillée ; or, cette description de la vie future est tellement circonstanciée, les conditions d'existence heureuse ou malheureuse de ceux qui s'y trouvent sont si rationnelles, qu'on se dit malgré soi qu'il n'en peut être autrement, et que c'est bien là la vraie justice de Dieu. »

Página 42 : le point de vue :

« 7. Le spiritisme élargit la pensée et lui ouvre de nouveaux horizons ; au lieu de cette vue étroite et mesquine qui la concentre de la vie présente, qui fait de l'instant qu'on passe de la terre l'unique et fragile pivot de l'avenir éternel, il montre que cette vie n'est qu'un anneau dans l'ensemble harmonieux et grandiose de l'œuvre du Créateur ; il montre la solidarité qui relie toutes les existences du même être, tous les êtres d'un même monde et les êtres de tous les mondes ; il donne ainsi une base et une raison d'être à la fraternité universelle, tandis que la doctrine de la création de l'âme au moment de la naissance de chaque corps, rend tous les êtres étrangers les uns aux autres. Cette solidarité des parties d'un même tout explique ce qui est inexplicable, si l'on ne considère qu'un seul point. C'est cet ensemble qu'au temps du Christ les hommes n'auraient pu comprendre, c'est pourquoi il en a réservé la connaissance à d'autres temps. »

Página 61 : Résurrection et réincarnation

« 16. Il n'est donc pas douteux que, sous le nom de résurrection, le principe de la réincarnation était une des croyances fondamentales des Juifs ; qu'il est confirmé par Jésus et les prophètes d'une manière formelle ; d'où il suit que nier la réincarnation, c'est renier les paroles du Christ. Ses paroles feront un jour autorité de ce point, comme de beaucoup d'autres, quand on les méditera sans parti pris. »

Página 97 : Consolateur promis

« 3. Si vous m'aimez, gardez mes commandements ; - et je prierai mon Père, et il vous enverra un autre consolateur, afin qu'il demeure éternellement avec vous : -L'Esprit de Vérité que le monde ne peut recevoir, parce qu'il ne le voit point, et qu'il ne le connaît point. Mais pour vous, vous le connaîtrez, parce qu'il demeurera avec vous et qu'il sera en vous. - Mais le consolateur, qui est le Saint-Esprit, que mon Père enverra en mon nom, vous enseignera toutes choses, et vous fera ressouvenir de tout ce que je vous ai dit. (Saint Jean, ch. XIV, v. 15, 16, 17, 26.)

4. Jésus promet un autre consolateur : c'est l'Esprit de Vérité, que le monde ne connaît point encore, parce qu'il n'est pas mûr pour le comprendre, que le Père enverra pour enseigner toutes choses, et pour faire souvenir de ce que Christ a dit. Si donc l'Esprit de Vérité doit venir plus tard enseigner toutes choses, c'est que Christ n'a pas tout dit ; s'il vient faire souvenir de ce que Christ a dit, c'est qu'on l'aura oublié ou mal compris.

Le spiritisme vient au temps marqué accomplir la promesse du Christ : l'Esprit de Vérité préside à son établissement ; il rappelle les hommes à l'observance de la loi ; il enseigne toutes choses en faisant comprendre ce que le Christ n'a dit qu'en paraboles. Le Christ a dit : « Que ceux-là entendent qui ont des oreilles pour entendre ; » le spiritisme vient ouvrir les yeux et les oreilles, car il parle sans figures et sans allégories ; il lève le voile laissé à dessein de certains mystères ; il vient enfin apporter une suprême consolation aux déshérités de la terre et à tous ceux qui souffrent, en donnant une cause juste et un but utile à toutes les douleurs. »

Página 99 : Avènement de l'Esprit de Vérité

« Spirites ! aimez-vous, voilà le premier enseignement ; instruisez-vous, voilà le second. Toutes vérités se trouvent dans le Christianisme ; les erreurs qui y ont pris racine sont d'origine humaine ; et voilà qu'au-delà du tombeau que vous croyiez le néant, des voix vous crient : Frères ! rien ne périt ; Jésus-Christ est le vainqueur du mal, soyez les vainqueurs de l'impiété. (L'ESPRIT DE VERITE. Paris, 1860.) »

Página 154 : L'égoïsme

« 11. C'est à cet antagonisme de la charité et de l'égoïsme, c'est à l'envahissement de cette lèpre du cœur humain que le christianisme doit de n'avoir pas encore accompli toute sa mission. C'est à vous, apôtres nouveaux de la foi et que les Esprits supérieurs éclairent, qu'incombent la tâche et le devoir d'extirper ce mal pour donner au christianisme toute sa force et déblayer la route des ronces qui entravent sa marche. Chassez l'égoïsme de la terre pour qu'elle puisse graviter dans l'échelle des mondes, car il est temps que l'humanité revête sa robe virile, et pour cela il faut d'abord le chasser de votre cœur. (EMMANUEL. Paris, 1861.) »

Página 208 : Hors l'Eglise point de salut. Hors la vérité point de salut

« 8. Tandis que la maxime : Hors la charité point de salut, s'appuie de un principe universel, ouvre à tous les enfants de Dieu l'accès du bonheur suprême, le dogme : Hors l'Eglise point de salut, s'appuie, non pas de la foi fondamentale en Dieu et en l'immortalité de l'âme, foi commune à toutes les religions, mais de la foi spéciale en des dogmes particuliers ; il est exclusif et absolu ; au lieu d'unir les enfants de Dieu, il les divise ; au lieu de les exciter à l'amour de leurs frères, il entretient et sanctionne l'irritation entre les sectaires des différents cultes qui se considèrent réciproquement comme maudits dans l'éternité, fussent-ils parents ou amis dans ce monde ; méconnaissant la grande loi d'égalité devant la tombe, il les sépare même dans le champ du repos. La maxime : Hors la charité point de salut, est la consécration du principe de l'égalité devant Dieu et de la liberté de conscience ; avec cette maxime pour règle, tous les hommes sont frères, et quelle que soit leur manière d'adorer le Créateur, ils se tendent la main et prient les uns pour les autres. Avec le dogme : Hors l'Eglise point de salut, ils se lancent l'anathème, se persécutent et vivent en ennemis ; le père ne prie pas pour le fils, ni le fils pour le père, ni l'ami pour l'ami, s'ils se croient réciproquement damnés sans retour. Ce dogme est donc essentiellement contraire aux enseignements du Christ et à la loi évangélique.

9. Hors la vérité point de salut serait l'équivalent de : Hors l'Eglise point de salut, et tout aussi exclusif, car il n'est pas une seule secte qui ne prétende avoir le privilège de la vérité. Quel est l'homme qui peut se flatter de la posséder tout entière, alors que le cercle des connaissances grandit sans cesse, et que les idées se rectifient chaque jour ? La vérité absolue n'est le partage que des Esprits de l'ordre le plus élevé, et l'humanité terrestre ne saurait y prétendre, parce qu'il ne lui est pas donné de tout savoir ; elle ne peut aspirer qu'à une vérité relative et proportionnée à son avancement. Si Dieu avait fait de la possession de la vérité absolue la condition expresse du bonheur futur, ce serait un arrêt de proscription générale ; tandis que la charité, même dans son acception la plus large, peut être pratiquée par tous. Le spiritisme, d'accord avec l'Evangile, admettant que l'on peut être sauvé quelle que soit sa croyance, pourvu que l'on observe la loi de Dieu, ne dit point : Hors le spiritisme point de salut ; et comme il ne prétend pas enseigner encore toute la vérité, il ne dit pas non plus : Hors la vérité point de salut, maxime qui diviserait au lieu d'unir, et perpétuerait l'antagonisme. »

Página 231 : Les bons spirites

« 4. Le spiritisme bien compris, mais surtout bien senti, conduit forcément aux résultats ci-dessus, qui caractérisent le vrai spirite comme le vrai chrétien, l'un et l'autre ne faisant qu'un. Le spiritisme ne crée aucune morale nouvelle ; il facilite aux hommes l'intelligence et la pratique de celle du Christ, en donnant une foi solide et éclairée à ceux qui doutent ou qui chancellent. »

Página 270 : Ne croyez point à tous les Esprits

« 6. Mes bien-aimés, ne croyez point à tout Esprit, mais éprouvez si les Esprits sont de Dieu, car plusieurs faux prophètes se sont élevés dans le monde. (Saint Jean, épître 1^o, chap. IV, v.1.)

7. Les phénomènes spirites, loin d'accréditer les faux christs et les faux prophètes, comme quelques-uns affectent de le dire, viennent au contraire leur porter un dernier coup. Ne demandez pas au spiritisme des miracles ni des prodiges, car il déclare formellement qu'il n'en produit point ; comme la physique, la chimie, l'astronomie, la géologie sont venues révéler les lois du monde matériel, il vient révéler d'autres lois inconnues, celles qui régissent les rapports du monde corporel et du monde spirituel, et qui, comme leurs aînées de la science, n'en sont pas moins des lois de nature ; en donnant l'explication d'un certain ordre de phénomènes incompris jusqu'à ce jour, il détruit ce qui restait encore dans le domaine du merveilleux. Ceux donc qui seraient tentés d'exploiter ces phénomènes à leur profit, en se faisant passer pour des messies de Dieu, ne pourraient abuser longtemps de la crédulité, et seraient bientôt démasqués. D'ailleurs, ainsi qu'il a été dit, ces phénomènes seuls ne prouvent rien : la mission se prouve par des effets moraux qu'il n'est pas donné au premier venu de produire. C'est là un des résultats du développement de la science spirite ; en scrutant la cause de certains phénomènes, elle lève le voile de bien des mystères. Ceux qui préfèrent l'obscurité à la lumière ont seuls intérêts à la combattre ; mais la vérité est comme le soleil : elle dissipe les plus épais brouillards.

Le spiritisme vient révéler une autre catégorie bien plus dangereuse de faux Christs et de faux prophètes, qui se trouvent, non parmi les hommes, mais parmi les désincarnés : c'est celle des Esprits trompeurs, hypocrites, orgueilleux et faux savants qui, de la terre, sont passés dans l'erraticité, et se parent de noms vénérés pour chercher, à la faveur du masque dont ils se couvrent, à accréditer les idées souvent les plus bizarres et les plus absurdes. Avant que les rapports médianimiques fussent connus, ils exerçaient leur action d'une manière moins ostensible, par l'inspiration, la médiumnité inconsciente, auditive ou parlante. Le nombre de ceux qui, à diverses époques, mais dans ces derniers temps surtout, se sont donnés pour quelques-uns des anciens prophètes, pour le Christ, pour Marie, mère du Christ, et même pour Dieu, est considérable. Saint Jean met en garde contre eux quand il dit : « Mes bien-aimés, ne croyez point à tout Esprit, mais éprouvez si les Esprits sont de Dieu ; car plusieurs faux prophètes se sont élevés dans le monde. » Le spiritisme donne les moyens de les éprouver en indiquant les caractères auxquels on reconnaît les bons Esprits, caractères toujours moraux et jamais matériels. C'est au discernement des bons et des mauvais Esprits que peuvent surtout s'appliquer ces paroles de Jésus : « On reconnaît la qualité de l'arbre à son fruit ; un bon arbre ne peut produire de mauvais fruits, et un mauvais arbre ne peut en produire de bons. » On juge les Esprits à la qualité de leurs œuvres, comme un arbre à la qualité de ses fruits. »

Anexo 3 - A natureza do Cristo segundo Allan Kardec

Entre os textos de apoio mais úteis a esta obra figura o Estudo sobre a natureza do Cristo atribuído a Allan Kardec. Esse texto apresenta um método muito precioso: em vez de se encerrar em abstrações teológicas, convida a voltar aos fatos, aos atos e sobretudo às próprias palavras de Jesus.

O primeiro ponto importante desse estudo é a recusa de fazer dos milagres a prova decisiva de uma natureza divina. Kardec sustenta que os fatos extraordinários atribuídos a Jesus, longe de implicarem necessariamente uma ruptura absoluta com as leis da natureza, podem ser compreendidos à luz dos fenômenos psíquicos, magnéticos e espíritas.

O segundo ponto é ainda mais decisivo: é preciso escutar o que Jesus diz de si mesmo. Os textos evangélicos, lidos em sua simplicidade, insistem muitas vezes em seu envio por Deus, em sua missão recebida, em sua obediência ao Pai. Essa perspectiva conduz a compreender Jesus não como o Absoluto em si, mas como o enviado supremo, o revelador, o mediador sublime da vontade divina para a humanidade terrestre.

Resumo da obra Estudo sobre a natureza do Cristo.

Este livro é um ensaio doutrinário que procura responder a uma questão central: Jesus é o próprio Deus ou um enviado de Deus de ordem espiritual muito elevada? Desde a abertura, o autor sustenta que o debate foi obscurecido pelas abstrações teológicas e pela autoridade posterior dos comentaristas. Seu método consiste, portanto, em voltar às fontes julgadas decisivas: os Evangelhos, isto é, os atos e sobretudo as palavras de Jesus.

A primeira grande tese do livro é que os milagres não provam a divindade do Cristo. O autor afirma que os fenômenos extraordinários relatados no Evangelho não são exceções absolutas às leis da natureza, mas podem pertencer a fenômenos psíquicos ou espirituais comparáveis aos estudados pelo magnetismo e pelo espiritismo. Para ele, os milagres atestam, no máximo, uma missão ou faculdades excepcionais, mas não uma identidade com Deus.

A segunda tese, que constitui o coração do livro, é que as palavras de Jesus mostram uma distinção nítida entre Jesus e Deus. O autor reúne as passagens em que Jesus fala daquele que o enviou, diz que não vem de si mesmo, que não fala por sua própria iniciativa, que cumpre a vontade do Pai, ou ainda que “meu Pai é maior do que eu”.

A partir dessas citações, ele conclui que Jesus se apresenta como subordinado a Deus, e portanto distinto dele. O livro insiste também no fato de que, mesmo após sua morte, Jesus ainda fala de “meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus”, o que confirma, segundo o autor, essa distinção.

A obra examina em seguida a objeção da dupla natureza de Jesus. O autor estima que essa hipótese não resolve nada: ou Jesus falava como Deus, e então suas declarações de subordinação tornam-se incompreensíveis; ou falava como homem, e então já não se sabe com certeza qual parte de seu ensinamento dependeria de sua natureza divina.

O livro procura depois mostrar que os próprios apóstolos não apresentaram Jesus como idêntico a Deus. Cita longamente os Atos dos Apóstolos e as epístolas de Paulo para sustentar que os primeiros cristãos falavam sobretudo de um homem suscitado, consagrado, elevado ou enviado por Deus.

Em uma frase, este livro sustenta que a divindade do Cristo, no sentido de uma identidade absoluta com Deus, não é provada pelos Evangelhos; ele defende, ao contrário, a ideia de um Jesus infinitamente elevado, enviado de Deus, Messias e guia supremo, mas subordinado ao Pai.

Anexo 4 - Camille Flammarion: ciência, pensamento e futuro do espiritismo

O discurso pronunciado por Camille Flammarion sobre o túmulo de Allan Kardec recorda que a reflexão espírita interessa ao pensamento, à ciência, ao exame e ao futuro filosófico da questão humana. Flammarion aparece ali como testemunha de uma abertura intelectual rara: ele não opõe a busca espiritual à investigação racional; procura, ao contrário, situá-las num mesmo movimento de honestidade e de elevação.

Essa presença de Flammarion é importante para um livro consagrado ao Cristo e ao espiritismo. Ela recorda que a fidelidade ao Cristo não exclui a exigência da razão; ao contrário, a luz espiritual nada tem a temer de um pensamento sincero, metódico e respeitoso. A reflexão espírita encontra aí um de seus apoios mais nobres: a aliança possível entre a interioridade, a ciência e a esperança.

Discurso pronunciado sobre o túmulo de Allan Kardec por Camille Flammarion

Messieurs,

En me rendant avec déférence à l'invitation sympathique des amis du penseur laborieux dont le corps terrestre gît maintenant à nos pieds, je me souviens d'une sombre journée du mois de décembre 1865. Je prononçais alors de suprêmes paroles d'adieu de la tombe du fondateur de la Librairie académique, de l'honorable Didier, qui fut, comme éditeur, le collaborateur convaincu d'Allan Kardec dans la publication des ouvrages fondamentaux d'une doctrine qui lui était chère, et qui mourut subitement aussi, comme si le ciel eût voulu épargner à ces deux esprits intègres l'embarras philosophique de sortir de cette vie par une voie différente de la voie communément reçue. - La même réflexion s'applique à la mort de notre ancien collègue Jobard, de Bruxelles.

Aujourd'hui ma tâche est plus grande encore, car je voudrais pouvoir représenter à la pensée de ceux qui m'entendent, et à celle des millions d'hommes qui, dans le nouveau monde, se sont occupés du problème encore mystérieux des phénomènes surnommés spirites ; - je voudrais, dis-je pouvoir leur représenter l'intérêt scientifique et l'avenir philosophique de l'étude de ces phénomènes (à laquelle se sont livrés, comme nul ne l'ignore, des hommes éminents parmi nos contemporains). J'aimerais leur faire entrevoir quels horizons inconnus la pensée humaine verra s'ouvrir devant elle, à mesure qu'elle étendra sa connaissance positive des forces naturelles en action autour de nous ; leur montrer que de telles constatations sont l'antidote le plus efficace de la lèpre de l'athéisme qui semble s'attaquer particulièrement à notre époque de transition ; et témoigner enfin publiquement ici de l'éminent service que l'auteur du Livre des Esprits a rendu à la philosophie, en appelant

l'attention et la discussion de des faits qui, jusqu'alors, appartenait au domaine morbide et funeste des superstitions religieuses.

Ce serait, en effet, un acte important d'établir ici devant cette tombe éloquente, que l'examen méthodique des phénomènes appelés à tort surnaturels, loin de renouveler l'esprit superstitieux et d'affaiblir l'énergie de la raison, éloigne, au contraire, les erreurs et les illusions de l'ignorance, et sert mieux le progrès que la négation illégitime de ceux qui ne veulent point se donner la peine de voir.

Mais ce n'est pas ici le lieu d'ouvrir une arène à la discussion irrespectueuse. Laissons seulement descendre de nos pensées, de la face impassible de l'homme couché devant nous, des témoignages d'affection et des sentiments de regret, qui restent autour de lui dans son tombeau comme un embaumement du cœur ! Et puisque nous savons que son âme éternelle survit à cette dépouille mortelle comme elle lui a préexisté ; puisque nous savons que des liens indestructibles rattachent notre monde visible au monde invisible ; puisque cette âme existe aujourd'hui aussi bien qu'il y a trois jours, et qu'il n'est pas impossible qu'elle ne se trouve actuellement ici devant moi ; disons-lui que nous n'avons pas voulu voir s'évanouir son image corporelle et l'enfermer dans son sépulcre, sans honorer unanimement ses travaux et sa mémoire, sans payer un tribut de reconnaissance à son incarnation terrestre, si utilement et si dignement remplie.

Je retracerai d'abord dans une esquisse rapide les lignes principales de sa carrière littéraire.

Mort à l'âge de 65 ans, Allan Kardec avait consacré la première partie de sa vie à écrire des ouvrages classiques, élémentaires, destinés surtout à l'usage des instituteurs de la jeunesse. Lorsque, vers 1855, les manifestations, en apparence nouvelles, des tables tournantes, des coups frappés sans cause ostensible, des mouvements insolites des objets et des meubles, commencèrent à attirer l'attention publique et déterminèrent même chez des imaginations aventureuses une sorte de fièvre due à la nouveauté de ces expériences, Allan Kardec, étudiant à la fois le magnétisme et ses effets étranges, suivit avec la plus grande patience et une judicieuse clairvoyance les expériences et les tentatives si nombreuses faites alors à Paris. Il recueillit et mit en ordre les résultats obtenus par cette longue observation et en composa le corps de doctrine publié en 1857 dans la première édition du Livre des Esprits. Vous savez tous quel succès accueillit cet ouvrage, en France et à l'étranger.

Parvenu aujourd'hui à sa 15^e édition, il a répandu dans toutes les classes ce corps de doctrine élémentaire, qui n'est point nouveau dans son essence, puisque l'école de Pythagore en Grèce et celle des druides dans notre pauvre Gaule, en enseignaient les principes, mais qui revêtait une véritable forme d'actualité par sa correspondance avec les phénomènes.

Après ce premier ouvrage, parurent successivement le Livre des Médioms ou Spiritisme expérimental ; - Qu'est-ce que le Spiritisme ? ou abrégé sous forme de questions et de réponses ; - l'Evangile selon le Spiritisme ; - Le Ciel et l'Enfer ; - La Genèse : - et la mort vient de le surprendre au moment où, dans son activité infatigable, il travaillait à un ouvrage de les rapports du magnétisme et du spiritisme.

Par la Revue Spirite et la Société de Paris dont il était président, il s'était constitué, en quelque sorte, le centre où tout aboutissait, le trait d'union de tous les expérimentateurs. Il y a quelques mois, sentant sa fin prochaine, il a préparé les conditions de vitalité de ces mêmes études après sa mort, et établi le Comité central qui lui succède.

Il a soulevé des rivalités ; il a fait école sous une forme un peu personnelle ; il y a encore quelque division entre les « spiritualistes » et les « spirites ». Désormais, Messieurs (tel est, du moins, le vœu des amis de la vérité), nous devons être tous réunis par une solidarité confraternelle, par les mêmes efforts vers l'élucidation du problème, par le désir général et impersonnel du vrai et du bien.

On a objecté, Messieurs, à notre digne ami auquel nous rendons aujourd'hui les derniers devoirs, on lui a objecté de n'être point ce qu'on appelle un savant, de n'avoir pas été d'abord physicien, naturaliste ou astronome, et d'avoir préféré constituer un corps de doctrine morale avant d'avoir appliqué la discussion scientifique à la réalité et à la nature des phénomènes.

Peut-être, Messieurs, est-il préférable que les choses aient ainsi commencé. Il ne faut pas toujours rejeter la valeur du sentiment. Combien de cœurs ont été consolés d'abord par cette croyance religieuse ! Combien de larmes ont été séchées ! combien de consciences ouvertes au rayon de la beauté spirituelle ! Tout le monde n'est pas heureux ici-bas. Bien des affections ont été déchirées ! Bien des âmes ont été endormies par le scepticisme ! N'est-ce donc rien que d'avoir amené au spiritualisme tant d'êtres qui flottaient dans le doute et qui n'aimaient plus la vie ni physique ni intellectuelle ?

Allan Kardec eût été homme de science, que, sans doute, il n'eût pu rendre ce premier service et répandre ainsi au loin comme une invitation à tous les cœurs.

Mais il était ce que j'appellerai simplement « le bon sens incarné ». Raison droite et judicieuse, il appliquait sans oubli à son œuvre permanente les indications intimes du sens commun. Ce n'était pas là une moindre qualité, dans l'ordre de choses qui nous occupe. C'était, on peut l'affirmer, la première de toutes et la plus précieuse, sans laquelle l'œuvre n'eût pu devenir populaire ni jeter ses immenses racines dans le monde. La plupart de ceux qui se sont livrés à ces études se sont souvenus avoir été dans leur jeunesse, ou dans certaines circonstances spéciales, témoins eux-mêmes de manifestations inexplicables ; il est peu de familles qui n'aient observé dans leur histoire des témoignages de cet ordre. Le premier point était d'y appliquer la raison ferme du simple bon sens et de les examiner selon les principes de la méthode positive.

Comme l'organisateur de cette étude lente et difficile l'a prévu lui-même, cette complexe étude doit entrer maintenant dans sa période scientifique. Les phénomènes physiques de lesquels on n'a pas insisté d'abord, doivent devenir l'objet de la critique expérimentale, à laquelle nous devons la gloire du progrès moderne et les merveilles de l'électricité et de la vapeur ; cette méthode doit saisir les phénomènes de l'ordre encore mystérieux auxquels nous assistons, les disséquer, les mesurer, et les définir.

Car, Messieurs, le spiritisme n'est pas une religion, mais c'est une science, science dont nous connaissons à peine l'a b c. Le temps des dogmes est fini. La nature embrasse l'univers, et Dieu lui-

même, qu'on a fait jadis à l'image de l'homme, ne peut être considéré par la métaphysique moderne que comme un Esprit dans la nature. Le surnaturel n'existe pas. Les manifestations obtenues par l'intermédiaire des médiums, comme celles du magnétisme et du somnambulisme, sont de l'ordre naturel et doivent être sévèrement soumises au contrôle de l'expérience. Il n'y a plus de miracles. Nous assistons à l'aurore d'une science inconnue. Qui pourrait prévoir à quelles conséquences conduira dans le monde de la pensée l'étude positive de cette psychologie nouvelle ?

La science régit le monde désormais ; et, Messieurs, il ne sera pas étranger à ce discours funèbre de remarquer son œuvre actuelle et les inductions nouvelles qu'elle nous découvre, précisément au point de vue de nos recherches.

À aucune époque de l'histoire, la science n'a développé devant le regard étonné de l'homme des horizons aussi grandioses. Nous savons maintenant que la Terre est un astre et que notre vie actuelle s'accomplit dans le ciel. Par l'analyse de la lumière, nous connaissons les éléments qui brûlent dans le soleil et dans les étoiles à des millions et à des trillions de lieues de notre observatoire terrestre. Par le calcul, nous possédons l'histoire du ciel et de la terre dans leur passé lointain comme dans leur avenir, qui n'existent pas pour les lois immuables. Par l'observation, nous avons pesé les terres célestes qui gravitent dans l'étendue. Le globe où nous sommes est devenu un atome stellaire volant dans l'espace au milieu des profondeurs infinies, et notre propre existence de ce globe est devenue une fraction infinitésimale de notre vie éternelle. Mais ce qui peut à juste titre nous frapper plus vivement encore, c'est cet étonnant résultat de travaux physiques opérés en ces dernières années : que nous vivons au milieu d'un monde invisible agissant sans cesse autour de nous. Oui, Messieurs, c'est là, pour nous, une révélation immense. Contemplez, par exemple, la lumière répandue à cette heure dans l'atmosphère par ce brillant soleil, contemplez cet azur si doux de la voûte céleste, remarquez ces effluves d'air tiède qui viennent caresser nos visages, regardez ces monuments et cette terre : eh bien, malgré nos yeux grands ouverts, nous ne voyons pas ce qui se passe ici ! Sur cent rayons émanés du soleil, un tiers seulement sont accessibles à notre vue, soit directement, soit réfléchis par tous ces corps ; les deux tiers existent et agissent autour de nous, mais d'une manière invisible quoique réelle. Ils sont chauds, sans être lumineux pour nous et sont cependant beaucoup plus actifs que ceux qui nous frappent, car ce sont eux qui attirent les fleurs du côté du soleil, qui produisent toutes les actions chimiques, et ce sont eux aussi qui élèvent, sous une forme également invisible, la vapeur d'eau dans l'atmosphère pour en former les nuages, - exerçant ainsi incessamment autour de nous, d'une manière occulte et silencieuse, une force colossale, mécaniquement évaluable au travail de plusieurs milliards de chevaux !

Si les rayons calorifiques et les rayons chimiques qui agissent constamment dans la nature sont invisibles pour nous, c'est parce que les premiers ne frappent pas assez vite notre rétine, et parce que les seconds la frappent trop vite. Notre œil ne voit les choses qu'entre deux limites, en deçà et au-delà desquelles il ne voit plus. Notre organisme terrestre peut être comparé à une harpe à deux cordes, qui sont le nerf optique et le nerf auditif. Une certaine espèce de mouvements met en vibration la première et une autre espèce de mouvements met en vibration la seconde : c'est là toute la sensation humaine, plus restreinte ici que celle de certains êtres vivants, de certains insectes, par exemple, chez lesquels ces mêmes cordes de la vue et de l'ouïe sont plus délicates. Or, il existe, en

réalité, dans la nature, non pas deux, mais dix, cent, mille espèces de mouvements. La science physique nous enseigne donc que nous vivons ainsi au milieu d'un monde invisible pour nous et qu'il n'est pas impossible que des êtres (invisibles également pour nous) vivent également de la terre, dans un ordre de sensations absolument différent du nôtre, et sans que nous puissions apprécier leur présence, à moins qu'ils ne se manifestent à nous par des faits rentrant dans notre ordre de sensations.

Devant de telles vérités, qui ne font encore que s'entrouvrir, combien la négation a priori ne paraît-elle pas absurde et sans valeur ! Quand on compare le peu que nous savons, et l'exiguïté de notre sphère de perception à la quantité de ce qui existe, on ne peut s'empêcher de conclure que nous ne savons rien et que tout nous reste à savoir. De quel droit prononcerions-nous donc le mot « impossible » devant des faits que nous constatons sans pouvoir en découvrir la cause unique ?

La science nous ouvre des vues aussi autorisées que les précédentes de les phénomènes de la vie et de la mort et de la force qui nous anime. Il nous suffit d'observer la circulation des existences.

Tout n'est que métamorphose. Emportés dans leur cours éternel, les atomes constitutifs de la matière passent sans cesse d'un corps à l'autre, de l'animal à la plante, de la plante à l'atmosphère, de l'atmosphère à l'homme, et notre propre corps pendant la durée entière de notre vie change incessamment de substance constitutive, comme la flamme ne brille que par des éléments sans cesse renouvelés ; et quand l'âme s'est envolée, ce même corps, tant de fois transformé déjà pendant la vie, rend définitivement à la nature toutes les molécules pour ne plus les reprendre. Au dogme inadmissible de la résurrection de la chair s'est substituée la haute doctrine de la transmigration des âmes.

Voici le soleil d'avril qui rayonne dans les cieux et nous inonde de sa première rosée calorescente. Déjà les campagnes se réveillent, déjà les premiers bourgeons s'entrouvrent, déjà le printemps fleurit, l'azur céleste sourit, et la résurrection s'opère ; et pourtant cette vie nouvelle n'est formée que par la mort et ne recouvre que des ruines ! D'où vient la sève de ces arbres qui reverdissent dans ce champ des morts ? d'où vient cette humidité qui nourrit leurs racines ? d'où viennent tous les éléments qui vont faire apparaître sous les caresses de mai les petites fleurs silencieuses et les oiseaux chanteurs ? - De la mort !... Messieurs..., de ces cadavres ensevelis dans la nuit sinistre des tombeaux !... Loi suprême de la nature, le corps n'est qu'un assemblage transitoire de particules qui ne lui appartiennent point et que l'âme a groupées suivant son propre type pour se créer des organes la mettant en relation avec notre monde physique. Et tandis que notre corps se renouvelle ainsi pièces par pièces par l'échange perpétuel des matières, tandis qu'un jour il tombe, masse inerte, pour ne plus se relever, notre esprit, être personnel, a gardé constamment son identité indestructible, a régné en souverain de la matière dont il était revêtu, établissant ainsi par ce fait constant et universel sa personnalité indépendante, son essence spirituelle non soumise à l'empire de l'espace et du temps, sa grandeur individuelle, son immortalité.

En quoi consiste le mystère de la vie ? par quels liens l'âme est-elle rattachée à l'organisme ? par quel dénouement s'en échappe-t-elle ? sous quelle forme et en quelles conditions existe-t-elle après la mort ? quels souvenirs, quelles affections garde-t-elle ? - Ce sont là, Messieurs, autant de

problèmes qui sont loin d'être résolus et dont l'ensemble constituera la science psychologique de l'avenir. Certains hommes peuvent nier l'existence même de l'âme comme celle de Dieu, affirmer que la vérité morale n'existe pas, qu'il n'y a point de lois intelligentes dans la nature, et que nous, spiritualistes, sommes les dupes d'une immense illusion. D'autres peuvent, à l'opposé, déclarer qu'ils connaissent par un privilège spécial l'essence de l'âme humaine, la forme de l'Être suprême, l'état de la vie future, et nous traiter d'athées, parce que notre raison se refuse à leur foi. Les uns et les autres, Messieurs, n'empêcheront pas que nous soyons ici en face des plus grands problèmes, que nous ne nous intéressions à ces choses (qui sont loin de nous être étrangères), et que nous n'ayons le droit d'appliquer la méthode expérimentale de la science contemporaine à la recherche de la vérité.

C'est par l'étude positive des effets que l'on remonte à l'appréciation des causes. Dans l'ordre des études réunies sous la dénomination générique de « spiritisme », les faits existent. Mais nul ne connaît leur mode de production. Ils existent, tout aussi bien que les phénomènes électriques, lumineux, caloriques ; mais, Messieurs, nous ne connaissons ni la biologie, ni la physiologie. Qu'est-ce que le corps humain ? qu'est-ce que le cerveau ? quelle est l'action absolue de l'âme ? Nous l'ignorons. Nous ignorons également l'essence de l'électricité, l'essence de la lumière ; il est donc sage d'observer sans parti pris tous ces faits et d'essayer d'en déterminer les causes, qui sont peut-être d'espèces diverses et plus nombreuses que nous ne l'avons supposé jusqu'ici.

Que ceux dont la vue est bornée par l'orgueil ou par le préjugé ne comprennent point ces anxieux désirs de nos pensées avides de connaître ; qu'ils jettent de ce genre d'étude le sarcasme ou l'anathème ; nous élevons plus haut nos contemplations !... Tu fus le premier, ô maître et ami ! tu fus le premier qui, dès le début de ma carrière astronomique, témoigna une vive sympathie pour mes déductions relatives à l'existence des humanités célestes ; car, prenant en main le livre de la Pluralité des mondes habités, tu le posas tout de suite à la base de l'édifice doctrinaire que tu rêvais. Bien souvent nous nous entretenions ensemble de cette vie céleste si mystérieuse ; maintenant, ô âme ! tu sais par une vision directe en quoi consiste cette vie spirituelle à laquelle nous retournerons tous, et que nous oublions pendant cette existence.

Maintenant tu es retourné à ce monde d'où nous sommes venus, et tu recueilles le fruit de tes études terrestres. Ton enveloppe dort à nos pieds, ton cerveau est éteint, tes yeux sont fermés pour ne plus s'ouvrir, ta parole ne se fera plus entendre... Nous savons que tous nous arriverons à ce même dernier sommeil, à la même inertie, à la même poussière. Mais ce n'est pas dans cette enveloppe que nous mettons notre gloire et notre espérance. Le corps tombe, l'âme reste et retourne à l'espace. Nous nous retrouverons dans un monde meilleur, et dans le ciel immense où s'exerceront nos facultés les plus puissantes, nous continuerons les études qui n'avaient de la terre qu'un théâtre trop étroit pour les contenir.

Nous aimons mieux savoir cette vérité que de croire que tu gis tout entier dans ce cadavre et que ton âme ait été détruite par la cessation du jeu d'un organe. L'immortalité est la lumière de la vie, comme cet éclatant soleil est la lumière de la nature.

Au revoir, mon cher Allan Kardec, au revoir.

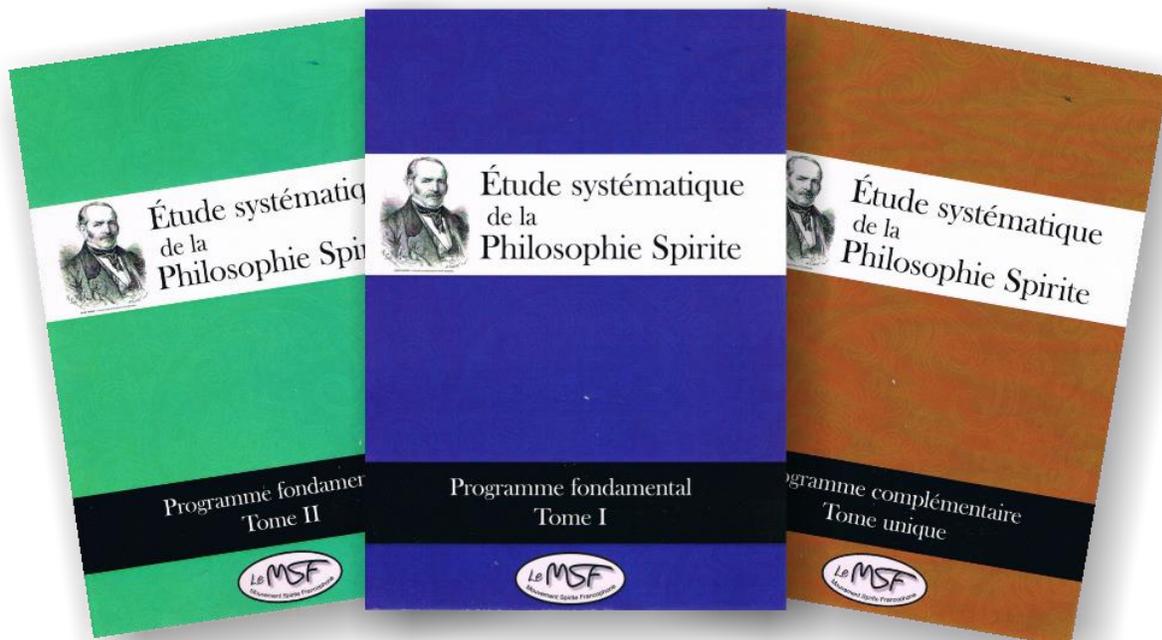
Anexo 5 - Percurso de estudo e bibliografia comentada

Para entrar solidamente no assunto, convém voltar primeiro a Allan Kardec: O Livro dos Espíritos para a estrutura doutrinária; O Evangelho segundo o Espiritismo para o eixo moral e crístico; e o Estudo sobre a natureza do Cristo para a questão precisa de Jesus, de sua missão e do sentido dos Evangelhos. Esses textos oferecem a base, a medida e o método.

Léon Denis vem em seguida, com Cristianismo e Espiritismo. Nele, o leitor entra numa prosa mais ampla, mais calorosa, mais sintética. Denis não se contenta em expor; busca reconciliar a inteligência, a fé, a esperança e o ideal moral.

Luzes na noite dos tempos tem uma função diferente. Não é um manual doutrinário, mas um livro de ressonância, de tom, de apelo e de interioridade. Pode ajudar a elevar o sopro do texto à condição de não ser imitado servilmente, mas recebido como um movimento interior.

Por fim, Jesus o Cristo segundo o espiritismo e Jesus de Nazaré e o Cristo planetário podem ser lidos como obras de abertura ou de prolongamento. Eles enriquecem certas perspectivas, mas recebem seu pleno sentido quando são abordados depois de Kardec e de Léon Denis.



Programa de estudo sistemático da filosofia espírita

Módulo I – Introdução ao estudo do espiritismo

- O contexto histórico do século XIX na Europa.
- O Espiritismo ou Doutrina Espírita: definição e finalidade.
- O triplo aspecto da doutrina espírita.
- Pontos principais da doutrina espírita.

Módulo II – A codificação espírita

- Fenômenos mediúnicos que precederam a codificação: Hydesville e as mesas girantes.
- Allan Kardec: o professor e o codificador.
- Metodologia e critérios utilizados na codificação espírita.
- As obras básicas.

Módulo III – Deus

- A existência de Deus.
- Provas da existência de Deus.
- Atributos da divindade.
- A providência divina.

Módulo IV – Existência e sobrevivência do Espírito

- Perispírito: definição.
- Origem e natureza do Espírito.
- Provas da existência e da sobrevivência do Espírito.
- Progressão dos Espíritos.

Módulo V – Comunicabilidade dos Espíritos

- Influência dos Espíritos sobre nossos pensamentos, nossos atos e os acontecimentos da vida.
- Mediunidade e médium.
- Mediunidade com Jesus.

Módulo VI – Reencarnação

- Fundamentos e finalidades da reencarnação.
- Provas da reencarnação.
- Retorno à vida corporal: programação da reencarnação.
- Retorno à vida corporal: união da alma ao corpo.
- Retorno à vida corporal: a infância.
- O esquecimento do passado: justificação de sua necessidade.

Módulo VII – A pluralidade dos mundos habitados

- O fluido cósmico universal.
- Elementos gerais do universo: matéria e espírito.
- Formação dos mundos e da Terra.
- Os reinos da natureza: mineral, vegetal, animal e humano.
- As diferentes categorias de mundos habitados.
- Encarnação nos diferentes mundos.
- A Terra: mundo de expiações e de provas.

Módulo VIII – Lei divina ou natural

- Lei natural: definição e características.
- O bem e o mal.

Módulo IX – Lei de Adoração

- Adoração: significado e objetivo.
- A prece: importância, eficácia e ação.
- O Evangelho no lar.

Módulo X – Lei de Liberdade

- Liberdade de pensar e liberdade de consciência.
- Livre-arbítrio e responsabilidade.
- Livre-arbítrio e fatalidade.
- O princípio da ação e reação.

Módulo XI – Lei do Progresso

- O progresso intelectual e o progresso moral.
- Influência do Espiritismo sobre o progresso da humanidade.

Módulo XII – Lei de Sociedade e Lei do Trabalho

- Necessidade da vida social.
- Vida em família e laços de parentesco.
- Necessidade do trabalho.
- Limite do trabalho e repouso.

Módulo XIII – Lei de Destruição e Lei de Conservação

- Destruição necessária e destruição abusiva.
- Flagelos destruidores.
- Instinto e inteligência.
- O necessário e o supérfluo.

Módulo XIV – Lei de Igualdade

- Igualdade natural e desigualdade das aptidões.
- Desigualdades sociais. Igualdade de direitos entre o homem e a mulher.
- Desigualdade das riquezas.
- Provas da riqueza e da miséria.

Módulo XV – Lei de Reprodução

- Casamento e celibato.
- Obstáculos à reprodução.
- O aborto.

Módulo XVI – Lei de Justiça, de Amor e de Caridade

- Justiça e direitos naturais.
- Caridade e amor ao próximo.

Módulo XVII – A Perfeição Moral

- Os caracteres da perfeição moral.
- O conhecimento de si.
- O homem de bem.

Módulo XVIII – Esperanças e Consolações

- Penas e alegrias terrestres.
- Penas e alegrias futuras.

Para todas as informações, acesse nosso site: <https://www.spiritualiste.fr/livres-d-allan-kardech>
<https://www.spiritualiste.fr/livres-d-allan-kardec>

ALLAN KARDEC: Livros da Filosofia Espírita para download

1. Qu'est-ce Que Le SpiritismeO que é o Espiritismo
2. Le Spiritisme à sa Plus Simple ExpressionO Espiritismo em sua expressão mais simples
3. Le Livre des Esprits - Edition 16O Livro dos Espíritos - Edição 16
4. Le Ciel Et l'EnferO Céu e o Inferno
5. L'Evangile Selon Le SpiritismeO Evangelho segundo o Espiritismo
6. Le Livre des MediumsO Livro dos Médiuns
7. La GeneseA Gênese
8. Instructions pratiques des manifestationsInstruções práticas das manifestações
9. Œuvres PosthumesObras Póstumas
10. L'obsessionA obsessão
11. Voyage spirite en 1862Viagem espírita em 1862
12. Recueil de prières spiritesColetânea de preces espíritas
13. Caractère de la révélation spiriteCaráter da revelação espírita
14. Catalogue raisonnéCatálogo comentado
15. Le livre des Esprits - Edition 1O Livro dos Espíritos - Edição 1

Para todas as informações, acesse nosso site: <https://www.spiritualiste.fr/livres-d-allan-kardec>

BIBLIOGRAFIA GERAL: Obras utilizadas e obras associadas

Obras centrais

- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*.
- KARDEC, Allan. *Estudo sobre a natureza do Cristo*.
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo*.

Obras espirituais de apoio

- *Luzes na noite dos tempos*. Dervy, Paris, 1950.
- FARDEL, André. *Psicoses. Que somos nós, para onde vamos?*

Essas duas obras estão disponíveis para download em nosso site:
<https://www.spiritualiste.fr/les-livres-de-l-institut>

Obras de abertura filosófica e comparativa

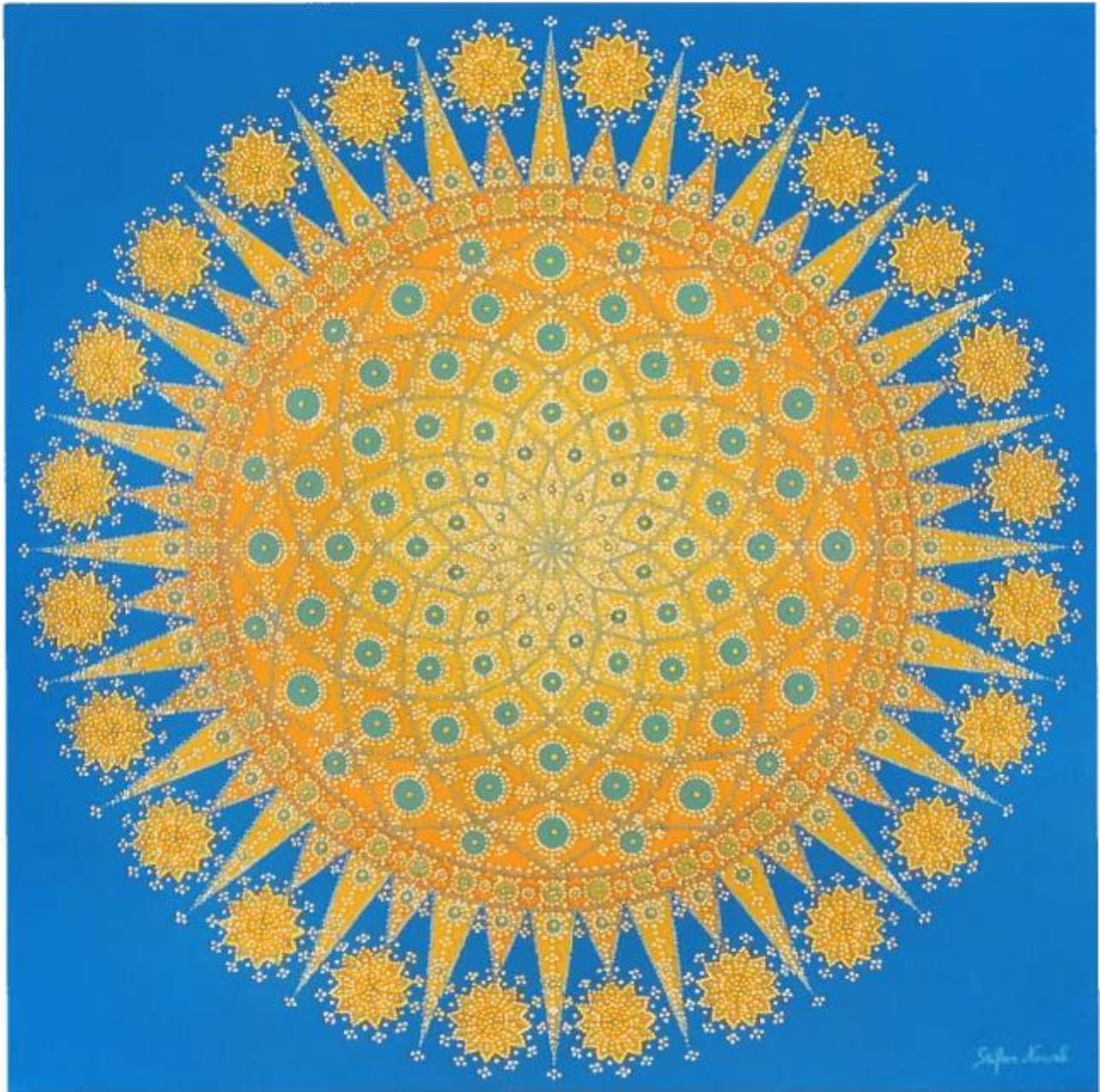
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates*.
- PLATÃO. *Fédon*.
- PLATÃO. *Górgias*.
- Textos budistas fundamentais, especialmente o *Dhammapada*.
- LENOIR, Frédéric. *Sócrates, Jesus, Buda. Três mestres de vida*.

Peça associada

- **FLAMMARION, Camille. *Discurso pronunciado junto ao túmulo de Allan Kardec*. Texto reproduzido no anexo 4 deste livro.**

Complementos

- **Os anexos da presente obra prolongam esta bibliografia por meio de um percurso de estudo temático, centrado no Cristo, no pensamento espírita, na questão religiosa, na abertura comparativa e no futuro espiritual da humanidade.**



Je suis partout en toute chose – 24/04/1999

Stéfan Nowak – Institut Spirituel Psychosique

<http://www.spiritualiste.fr>
info@spiritualiste.fr